

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA

ALINE DE SOUSA LIMA

IMPRESSO, ESCOLA E ENSINO DE HISTÓRIA NO ESTUDO DA COLEÇÃO DE
LIVROS FUNDADORES DA AMÉRICA LATINA

Guarulhos

2019

ALINE DE SOUSA LIMA

IMPRESSO, ESCOLA E ENSINO DE HISTÓRIA NO ESTUDO DA COLEÇÃO DE
LIVROS FUNDADORES DA AMÉRICA LATINA.

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do programa de mestrado profissional em ensino de história (profhistória) da Universidade Federal de São Paulo como exigência para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História, Coleção de Livros, América Latina.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Rita de Almeida Toledo.

Guarulhos

2019

Universidade Federal de São Paulo
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
História

**Impresso, Escola e Ensino de História no estudo da coleção de
livros Fundadores da América Latina**

Orientador(a): Maria Rita de Almeida Toledo

Discente: Aline de Sousa Lima nº da matrícula:118311

Guarulhos

2019

Aline de Sousa Lima

IMPRESSO, ESCOLA E ENSINO DE HISTÓRIA NO ESTUDO DA COLEÇÃO DE
LIVROS FUNDADORES DA AMÉRICA LATINA

APROVADO EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Rita de Almeida Toledo
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Fábio Franzini
Universidade Federal de São Paulo

Prof^a Dr^a. Stella Maris Scatena Franco
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são muitos, desde a oportunidade de estudar em um programa voltado para professores do ensino básico, refletindo e ressignificando o ensino de história, ofício cotidiano. Cito neste agradecimento, Dilma Rousseff, pois foi durante o seu governo que o programa foi criado. Agradecimentos aos professores que encamparam essa empreitada de formulação e aprovação do Profhistória e ao corpo docente da UNIFESP - Guarulhos que abraçou a proposta.

Agradeço às companheiras e companheiros de jornada, essa turma desbravadora nos meandros da cultura escolar que se mostrou unida, combativa e um exemplo de luta e resistência no ensino de história. Pessoas que me enchem de orgulho e esperança na minha profissão: Allan Santana, André Lírio, Bruno Freitas, Cibele Lima, David Cavalcante (obrigada pelos livros da Maria Ligia e do Tomaz Tadeu, utilizados neste texto), Diógenes Henrique, Grazielly Alves, João Misael (obrigada por me ajudar com a formatação dos primeiros textos), Jonas Pinto, Juliana Ferrini, Liz Araújo (parceira de orientações e apoio constante e angelical), Lucas Ramalho, Marina Oliveira, Matheus Nani, Mayra Medina, Patrícia Farias (com quem divido memórias dos tempos idos de Marcone), Rafaela Molina, Rui Leon e Suzane Jardim. E gratidões aos montes por inúmeras ajudas e incentivos. Aqui, “ninguém solta a mão de ninguém”.

Agradeço imensamente aos professores que foram fundamentais:

Maria Rita de Almeida Toledo, minha orientadora, pela competência, profissionalismo, atenção, paciência e envolvimento com a proposta do profhistória desde as reflexões iniciais acerca do objeto de estudo e todo o suporte e orientação durante o percurso. E por sua contribuição ao campo de pesquisa, em que, por meio de seus escritos, é possível conhecer sobre condições de produção de livros, análise editorial e relações com a educação e a escola, importantes referenciais neste trabalho

Antônio Simplício de Almeida, sempre presente e atento às nossas demandas como coordenador do curso e professor de História do Ensino de História. À Elaine Lourenço pelo carinho e entendimento da cultura escolar e pelas orientações desde a graduação. Ao professor João do Prado Ferraz de Carvalho, que nos oportunizou

profundas reflexões sobre currículo e identidade com a compreensão de que a “opressão dói na alma”.

A Fábio Franzini pela generosidade, disposição e indicações na trajetória de estudos da graduação em História ao Mestrado em Ensino de História, pela valiosa presença nas minhas bancas de conclusão de curso, qualificação e defesa.

Agradeço à professora Andréa Slemian, que nos proporcionou momentos importantes na constituição da pesquisa em história - a mim, muito especialmente, pois convidou em suas aulas, numa feliz coincidência, duas das autoras da coleção que é meu objeto de estudo - as professoras Mariana Villaça e Stella Maris Scatena Franco, a quem direciono especiais agradecimentos pelas contribuições como autora e professora, participando das bancas de qualificação e defesa. Seus relatos sobre o processo de elaboração e produção da coleção e as indicações no campo de estudos sobre América Latina, foram preciosos na realização desta pesquisa.

Agradeço à professora Patrícia Teixeira Santos e ao professor Cléber dos Santos Vieira pela oportunidade e desafio do seminário que me fez buscar na coleção em estudo a presença das populações de origem africana e indígena nas lutas pela independência no continente. Agradeço ao professor Alexandre Pianelli Godoy pela atenção e carinho com os avanços na pesquisa nos grupos de apresentações em várias oportunidades. Agradeço a Daniel Vieira Helene pela contribuição com a pesquisa se dispondo a conversar, gentilmente, sobre sua participação no projeto editorial da coleção.

Agradeço à minha mãe Maria de Jesus de Sousa Lima e ao meu pai Carlos Alberto Lima, incansáveis incentivadores e ao meu irmão, Jefferson de Souza Lima, ambientalista combativo, exemplo de disciplina (obrigada por me ajudar na formatação dos textos, por me ensinar a lidar com o computador, pela atenção e incentivo de sempre). Agradeço também à minha querida cunhada, Ludmila Prado, exemplo de dedicação à pesquisa, pelo apoio durante essa jornada.

Gratidão aos professores leitores da coleção que contribuíram com relatos de prática e leitura, especialmente, David dos Santos Oliveira (e também por me levar, inesperadamente, para ver o Roger Chartier em uma segunda-feira à noite no Teatro Adamastor, pelo companheirismo e disposição em ajudar), Rafael de Souza Ozório e Sidnei Roberto, que numa feliz e inusitada coincidência, participei de um churrasco com esses três leitores da coleção que se tornou uma reunião de trabalho muito

divertida colaborando com reflexões sobre ensino de história e público leitor neste trabalho. Meus agradecimentos a professora de história Fernanda, minha colega na EE Philomena Baylão, que trabalhou com a coleção, registrando todo o processo com os alunos e contribuindo com as possibilidades e utilizações da coleção na escola.

Minha gratidão às amigas e amigos queridos pela compreensão com todas as minhas ausências tentando conciliar duas redes de ensino ao percurso do mestrado, e por toda a torcida e apoio, em especial, Larissa Miho, Roberta Soeiro (obrigada pelo resumo em inglês), Mara de Andrade, Ana Flávia (obrigada pela escrivadinha), Bruna Martins e Marina Santos. Agradeço também a amiga Besna Yacovenco pelo exemplo de resistência e luta incansável em defesa da UNILA – Universidade Federal de Integração Latino-americana. Agradeço aos amigos latino-americanos, pelas experiências compartilhadas e ideias trocadas sobre o continente: “Hasta la victoria siempre”.

Agradeço especialmente a equipe da escola estadual Pedro Alexandrino, por todo apoio e compreensão nesse percurso e pela tamanha humanidade, solidariedade e compromisso com os estudantes e com o ensino. Agradeço também a escola municipal Ruy Barbosa pelo acolhimento e compreensão na etapa final da pesquisa.

Carinhosamente, muito obrigada a todas e todos que de alguma forma se envolveram, apoiando e torcendo: familiares e colegas de trabalho em várias escolas.

Muito obrigada a todas as pessoas que se posicionaram contra o preconceito, o retrocesso na eleição de 2018, a mais difícil que presenciei. Minha gratidão imensa aos que resistiram e aos que seguirão resistindo e lutando por uma escola crítica, inclusiva e plural, pelo ensino de história e pela educação pública, gratuita e de qualidade.

RESUMO

Essa dissertação de mestrado se propõe a um estudo sobre o Ensino de História no tocante a América Latina partindo do material paradidático de ensino de história da América, a coleção Fundadores da América Latina. Essa coleção de livros foi publicada em 2008 pela Fundação Memorial, Fundo de Desenvolvimento da Educação (FDE) e pela SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO (SEE/SP) para as escolas da rede pública estadual de ensino. A coleção Fundadores da América Latina é composta por seis volumes autorais, em formato bilíngue, português e espanhol, pensada como iniciativa para divulgação e conhecimento das questões latino-americanas nas escolas públicas da rede estadual de São Paulo. Assim, este estudo se propõe a realizar uma análise do projeto político, pedagógico e editorial desta publicação em diálogo com o ensino de história, segundo bibliografia sobre história do livro e das coleções.

Palavras-chaves: Coleção de Livros. Ensino de História. América Latina.

ABSTRACT

This master's dissertation proposes a study on the teaching of History in Latin America, from the material reader of teaching American History, the collection Founders of Latin America. This collection of books was published in 2008 by the Memorial Foundation, the Education Development Fund (EDF) and by the SECRETARY OF EDUCATION OF THE STATE OF SÃO PAULO (SEE / SP), for the schools of the state public school system. The 'Founders of Latin America collection is composed of six volumes, in bilingual format, Portuguese and Spanish, designed as an initiative for the dissemination and knowledge of Latin American issues in the public schools of the state of São Paulo. Therefore, this study proposes to carry out an analysis of the pedagogical, political and editorial project of this publication in dialogue with the teaching of History, according to bibliography on the history of the book and the collections.

Keywords: Book Collection. History teaching. Latin America.

A República Federativa do Brasil buscará integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina visando a formação de uma comunidade latino-americana de nações.

(Constituição Federal de 1988 – Título I – Dos princípios fundamentais. Artigo 4º. Parágrafo único.)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do impresso lançado durante a 4ª bienal da UNE com o tema América Latina.....	14
Figura 2 - (Esquerda) Capa do volume 1 da coleção fundadores da nação; (Direita) quartacapa.....	34
Figura 3 - (Esquerda) – Capa do volume 1 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.	43
Figura 4 - (Esquerda) - Capa do volume 2 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.	44
Figura 5 - (Esquerda) - Capa do volume 3 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.	444
Figura 6 - (Esquerda) - Capa do volume 4 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.	455
Figura 7 - (Esquerda) - Capa do volume 5 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.	45
Figura 8 - (Esquerda) - Capa do volume 6 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.	466
Figura 9 - Apresentação da Coleção Fundadores da América Latina escrita por Maria Ligia Prado.....	50
Figura 10 - Sumário do volume 1 da Coleção Fundadores da América Latina.	511
Figura 11 - Sumário do volume 2 da Coleção Fundadores da América Latina.	522
Figura 12 - Sumário do volume 3 da Coleção Fundadores da América Latina.	522
Figura 13 - Sumário do volume 4 da Coleção Fundadores da América Latina.	53
Figura 14 - Sumário do Volume 5 da Coleção Fundadores da América Latina.	53
Figura 15 - Sumário do volume 6 da Coleção Fundadores da América Latina.	54

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 A EMERGÊNCIA DO TEMA DE PESQUISA	13
1.2 A ORGANIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	15
1.3 PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO	19
2. A COLEÇÃO DE LIVROS FUNDADORES DA AMÉRICA LATINA	26
2.1 A COLEÇÃO E A POLÍTICA NACIONAL DE LIVROS	27
2.2 A FUNDAÇÃO MEMORIAL E A PRODUÇÃO DA COLEÇÃO FUNDADORES DA AMÉRICA LATINA	30
2.3 A COORDENADORA DA COLEÇÃO: MARIA LIGIA COELHO PRADO	36
3. A COLEÇÃO EM SEU CAMPO DE ESTUDOS	40
3.1 O ESTUDO DA COLEÇÃO FUNDADORES DA AMÉRICA LATINA	40
3.2 AS CAPAS	42
3.3 ESTRUTURA DOS VOLUMES	47
3.4 A APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO POR MARIA LIGIA PRADO	49
3.5 OS SUMÁRIOS	50
3.6 GLOSSÁRIOS	54
3.7 OS VOLUMES DA COLEÇÃO	55
3.8 A ELABORAÇÃO DOS LIVROS – CONFIGURAÇÃO DE UM GRUPO DE AUTORES	58
3.9 A USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E A PESQUISA EM AMÉRICA	60
3.10 A ANPHLAC - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES E PROFESSORES DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS	61
3.11 SOBRE OS AUTORES DA COLEÇÃO FUNDADORES DA AMÉRICA LATINA	63
4. A COLEÇÃO, O CURRÍCULO E O ENSINO DE HISTÓRIA	69
4.1 A COLEÇÃO E O CURRÍCULO DA REDE ESTADUAL: SÃO PAULO FAZ ESCOLA	69
4.2 A AMÉRICA LATINA NA COLEÇÃO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA	73
4.3 UMA PROPOSIÇÃO DIDÁTICA COM A COLEÇÃO	79
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
FONTES	87
REFERÊNCIAS	88

1. INTRODUÇÃO

1.1 A EMERGÊNCIA DO TEMA DE PESQUISA

O interesse por esta investigação emergiu de minhas práticas em sala de aula. A preocupação com o tema da América Latina esteve sempre presente, desde o início da carreira, em 2004, ainda na condição de estudante de História, no curso que ministrava na rede estadual de ensino. Esse interesse foi corroborado pela presença numerosa de estudantes bolivianos na Escola Estadual João Vieira de Almeida, na Vila Maria, onde pude observar situações que me fizeram refletir e querer me aprofundar nos conhecimentos sobre a História dos países vizinhos, preocupação constante na preparação de aulas sobre o tema.

Também, participava do movimento estudantil na minha universidade¹ e das atividades da União Nacional dos Estudantes - UNE e colaborei com a organização da 4ª Bienal de Arte e Cultura da UNE (União Nacional dos Estudantes), em 2005, realizada junto com o Congresso da OCLAE (Organização Continental Latino americano de Estudantes) - plataforma de movimento estudantil continental com sede em Cuba e que se realizou na Fundação Bienal em São Paulo² - me reforçou o interesse pelo tema. Essa experiência me oportunizou, de um lado, a convivência com estudantes de países vizinhos durante os meses de produção das atividades, de outro, a própria agenda do evento era pautada pelo tema América Latina, trazendo uma séria de questões e debates para o centro de minhas preocupações. Além disso, participei da produção da publicação, ainda que amadora, dos trabalhos selecionados na coordenação da mostra de literatura da Bienal, o que me possibilitou conhecer um pouco sobre editoração.

1 Universidade Nove de Julho - UNINOVE

2 Nesse evento, coordenei a mostra de literatura, chamada Pagu, com curadoria do escritor José Arrabal e do pesquisador Enio Pasiani na seleção dos trabalhos inscritos publicados em um impresso organizado de forma completamente amadora (figura 1) com apresentação escrita por mim e prefácios escritos pelos curadores da mostra.

Figura 1 - Capa do impresso lançado durante a 4ª bienal da UNE com o tema América Latina.



Mesmo com toda essa imersão na temática América Latina por conta da preparação do evento, notei ao término da atividade, que ainda sabia pouco sobre a História do continente americano. Por isso mesmo, passei a procurar por materiais, tanto para minha própria formação, quanto para a dos alunos. Percebi, então, que os livros didáticos mais disponíveis tinham rápidas e pequenas inserções em suas abordagens sobre a história dos países americanos. Essas inserções diziam respeito, à América Pré-Colombiana (Astecas, Incas e Maias), às independências dos países do continente - de maneira bem generalizada - ou ao contexto das ditaduras militares.

Essa lacuna nos livros didáticos me fez ampliar a busca por materiais escolares que se debruçassem sobre a questão, mas, fossem voltados à escola. Nessa garimpagem cheguei ao objeto de pesquisa, a coleção Fundadores da América Latina. Fazia uma visita com os alunos da turma inscrita na disciplina eletiva América Latina - projeto desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Integral Dr. Reinaldo Ribeiro da Silva³ no Memorial da América Latina e, comentando com os monitores do espaço

3 Esse projeto era uma disciplina eletiva, semanal, com duração de 90 minutos, proposta pelos professores com duração de um semestre letivo. Esta eletiva, América Latina, foi desenvolvida como proposta interdisciplinar entre História, ministrada por mim, e Língua Portuguesa, ministrada pela

sobre a dificuldade de encontrar materiais específicos na escola, apresentaram-me a coleção de livros 'Fundadores da América Latina'. Nesta ocasião, a Fundação Memorial doou para a escola alguns impressos, como a revista *Nossa América* e exemplares da *Coleção Fundadores da América Latina*. Materiais que contribuíram com a proposta da disciplina eletiva e na apresentação que os alunos da turma fizeram desse aprendizado em um evento chamado culminância - uma espécie de feira cultural que reúne os trabalhos e aprendizados dos estudantes de cada disciplina eletiva ao fim de um semestre letivo – que faz parte do programa de ensino integral do governo do estado de São Paulo. Durante o primeiro semestre do Mestrado, refletindo sobre nossas práticas docentes, o campo de pesquisa apresentado pela Professora Maria Rita de Almeida Toledo sobre o estudo de coleções, foi ao encontro com esse interesse antigo em conhecer mais sobre a produção de materiais impressos sobre América Latina. O contato com uma bibliografia sobre história do impresso, suas relações com as políticas de educação e o ensino de história permitiu que essa coleção sobre História da América Latina se tornasse meu objeto de estudo.

Essa coleção é um material paradidático, elaborado e distribuído para as escolas públicas do Estado de São Paulo, com o intuito de contribuir para a ampliação do conhecimento sobre América Latina, por isso me pareceu interessante conhecer os processos envolvidos na produção desse material e como o mesmo chegava (ou não) à escola.

1.2 A ORGANIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Essa pesquisa propõe um estudo sobre uma coleção de livros produzida para o Ensino de História da América Latina. Trata-se da *Coleção Fundadores da América Latina*, publicada em 2008 por uma parceria entre a Fundação Memorial da América Latina, Fundo de Desenvolvimento da Educação (FDE) e pela Secretaria de Educação de São Paulo (SEE/SP) para as escolas da rede pública estadual de ensino.

A coleção Fundadores da América Latina é autoral, coordenada por Maria Lígia Prado⁴, autora de vários livros sobre o tema, assim como os seis autores que integram essa coletânea de textos, que reúne pesquisadores comprometidos com a ampliação dos estudos sobre América Latina, configurando uma rede significativa de investigação nesta temática. A coleção em estudo é composta por seis livros, com média de 110 páginas em cada volume nos quais estão inseridos textos em línguas portuguesa e espanhola e ao meio dos livros, para ambas as línguas, imagens e mapas sobre o período e eventos circunscritos no contexto tratado, além de um glossário de palavras no fim de cada texto, nas duas línguas.

Nesta coleção, cada um dos livros representa um líder das lutas de independência no continente americano, num recorte que considera as colônias espanholas, porém, a contextualização de sua atuação junto a outros grupos e atores tratam de biografias, um dos pontos de interesse discutido na análise do projeto editorial da coleção.

O primeiro volume, de cor verde, intitulado “América Latina na hora da Independência”, escrito por Selva López Chirico, trata de um ciclo inscrito no período de luta por independência das colônias espanholas na América, trazendo uma explicação geral sobre o contexto abordado pela coleção.

O segundo volume, de capa na cor vermelha, intitulado Simón Bolívar, escrito por Gabriela Pellegrino Soares, trata da participação militar e política de Bolívar “no processo de emancipação das colônias espanholas na América do Sul” (Soares, 2008, p. 9), sua trajetória e articulações com diferentes grupos no continente americano em torno da pauta emancipacionista estão abordados.

O terceiro volume “San Martín”, com capa cor de laranja, foi escrito por Stella Maris Scatena Franco, e é sobre a vida desta figura que teve participação numa ampla teia de relações nos processos de luta por independência na América do Sul: “trata-se de uma personagem de suma importância para a América do Sul e é de extremo interesse não só o conhecimento de sua vida, mas também das histórias elaboradas em torno de sua figura” (Scatena, 2008, p.11). Porém, um rico contexto que discute

4 Prof^a Dra. em História Social, FFLCH/USP (1982); Livre-docente em História da América Independente, FFLCH/USP (1996); Professora Titular em História da América Independente, FFLCH/USP (2002). (dados da plataforma lattes: <http://lattes.cnpq.br/4225400639532289>).

sua trajetória e as construções historiográficas posteriores, ao mesmo tempo em que questiona o lugar de herói na história em relação à outras abordagens.

O quarto volume, de capa amarela, “Bernardo O’Higgins”, escrito por Gabriel Passetti, pauta a história chilena pela trajetória de formação dessa personagem na participação dos diversos grupos no processo de emancipação do país e na articulação com outros movimentos e lideranças no mesmo período na América do Sul.

O quinto volume, na cor azul, “José Martí”, escrito por Mariana Martins Villaça conta a história deste “poeta combatente” e sua luta no processo de independência de Cuba na segunda metade do século XIX.

O sexto volume da Coleção, com capa num tom lilás, denominado “Artigas”, foi escrito por Júlio Pimentel Pinto e debate a história deste líder que lutou por independência no Uruguai, defendendo direitos para os diferentes setores da sociedade, sem abrir mão de “implantar uma organização de princípios democráticos, que assegurasse absoluta liberdade comercial e que incluísse política e economicamente mestiços, negros e índios” (Pinto, 2008, p. 34).

Sobre a distribuição da Coleção Fundadores da América Latina, segundo o site da SEE/SP em uma nota de 27/08/2009, dos 120 mil livros editados, houve a distribuição de 111 mil volumes desta coleção para 3.842 escolas da rede pública de Ensino Médio, 88 centros de línguas e 91 diretorias de ensino, distribuídos em 19 mil coleções. A alta tiragem da publicação surpreende e contrasta com a ausência de um projeto de divulgação da coleção e com a falta de integração com o currículo vigente no mesmo período.

Partindo, assim, deste material, esta investigação pretende compor um estudo desde a proposta pedagógica e editorial desta coleção relacionada ao ensino sobre América Latina, passando pelos processos envolvidos na produção de materiais paradidáticos voltados para a escola pública, reconhecendo essa publicação dentro de um conjunto de publicações patrocinadas pelo Estado e sua relação com leitores destinatários, escolhas de autores, e o currículo de história. Entender essa trajetória de produção e refletir sobre os desdobramentos das variadas práticas de leitura de

acordo com a cultura escolar⁵ na relação com o impresso e suas especificidades de leitura. Afirma Toledo, em artigo sobre “Internacionalização de Cânones de leitura”⁶, apresentando resultados de uma pesquisa sobre circulação de livros, que

“Muitos dos debates em torno da organização eficaz do ensino-aprendizagem pugnaram modelos diversos de livros, estabelecendo padrões específicos para usos determinados: os mesmos livros para todos os alunos, o livro único para todas as matérias, livros diferenciados para situações específicas de aprendizagem, etc. Estabeleceram a ordem dos livros no jogo das prescrições e usos desses objetos. Por sua vez, a indústria dos livros encontrou na escola - professores, alunos, diretores, inspetores, entre outros – público garantido e bastante rendoso para o seu produto”. (Toledo, M.R.A., 2011, p.244).

No entanto, ao mesmo tempo em que o livro é ferramenta indispensável no interior da escola, pouco se sabe sobre sua produção por parte daqueles que o utilizam no processo de ensino-aprendizagem, que são os professores e para quem gostaríamos também de nos reportar, percorrendo e dando a conhecer, os caminhos de produção do livro feito para a escola, por meio desta coleção.

Em relação ao ensino de história da América Latina, as dificuldades no campo, vão desde sua rara inserção no currículo, da falta de materiais ou mesmo desinteresses variados, tornando o ensino insuficiente para dar conta de um conhecimento mais amplo do tema e observamos nesse processo de sucateamento, como consequência mais evidente, o preconceito e a discriminação com os povos imigrantes de países vizinhos na cidade de São Paulo, realidade recorrente, vivida no interior das escolas.

Nesse sentido, o conhecimento e a divulgação da história do continente podem estreitar os laços com os povos vizinhos, ampliando as trocas culturais e gerando identidades. Assim, conhecer mais sobre a história da América Latina e o modo como esse conhecimento é impresso para os leitores na escola, pode nos trazer novas apropriações e construções coletivas de saberes históricos, que têm no livro, importante veículo de difusão.

5 Os conceitos de Cultura Escolar, segundo Dominique Julia e Viñao Frago, pensando em cultura escolar como um conjunto de elementos que compõem a escola gerando códigos disciplinares e práticas organizativas próprias.

6 Internacionalização de cânones de leitura: as atualidades pedagógicas na biblioteca museu do ensino primário e o ensino de história da educação – Maria Rita de Almeida Toledo – in: CARVALHO, Marta Maria Chagas de Carvalho; Gatti Júnior, Décio (Org) O ensino de História da Educação. Vitória: ESEditora; EDUFES, 2011.

1.3 PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

Para conhecer o processo de produção desta coleção foi reunida uma bibliografia no campo que estuda o impresso na perspectiva de historiadores que se debruçaram sobre a história do livro, suas condições de produção e intervenção, como Roger Chartier e Isabelle Olivero. Entre os autores brasileiros que trabalham com essa abordagem, priorizei o diálogo entre impressos e educação, como nos escritos das professoras Marta Maria Chagas de Carvalho e Maria Rita de Almeida Toledo.

Estudar uma coleção de livros na perspectiva dos autores citados requer a análise da materialidade do impresso⁷, desde sua apresentação física por meio do levantamento das condições de produção da coleção, mas também de seus objetivos junto ao público destinatário e a relação com o ensino de história e o currículo. Essa perspectiva de investigação juntou-se aos meus interesses de compreender as dificuldades do acesso a materiais sobre América Latina destinados à escola. Esse tema, nos impressos destinados à escola, passou historicamente, por extenso processo de exclusão⁸, tanto nas decisões políticas que prescrevem e selecionam os currículos, quanto nas políticas editoriais⁹ - que são determinantes para o que será produzido em grande escala, com financiamento público do livro escolar. Portanto, entender as relações envolvidas na produção da coleção *Fundadores da América Latina* - da elaboração à sua distribuição - proporciona um conhecimento sobre os materiais que são uma das principais ferramentas de trabalho na escola: os livros. Mas, também permite problematizar as representações que os produtores dos livros – autores, editores, distribuidores – constroem do público destinatário, no caso, nós professores da escola básica pública.

Para construir o questionário da investigação parti das considerações da tese *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*, de Maria Rita de Almeida Toledo. Nessa tese, a autora retoma os estudos de Isabelle

7 Conceito desenvolvido na História do livro por Roger Chartier para analisar um impresso em sua dupla intervenção, material dada as condições de produção e imaterial pelas ideias que carrega. Alguns autores nesse campo de pesquisa vão trabalhar com esse conceito. Aqui utilizo como referência Carvalho e Toledo (2007).

8 Ver Ensino de História da América: reflexões sobre problemas de identidades - Circe Bittencourt.

9 As decisões editoriais representam o lugar de poder ocupado pelo editor que determina o que será produzido e lido. Michel de Certeau e Roger Chartier aprofundaram os estudos nesse campo e foram base dos escritos de Marta Carvalho e Maria Rita de Almeida Toledo (1994, 2001, 2007).

Olivero sobre coleções francesas publicadas no século XIX, para construir questões acerca da coleção que analisa, mas que podem nortear a análise de outros projetos editoriais, configurando-se em um método:

“O trabalho com uma coleção de livros remete ao questionário proposto por Olivero: o que caracteriza esta estratégia editorial em relação a outras? Que condições do mercado editorial fazem com que os editores optem por esta prática? A que leitor essa estratégia visa? Que leitor está sendo construído por essa prática? Quais seus circuitos de divulgação? Quais são as marcas materiais constitutivas da estratégia de cada uma das coleções para atender os interesses do leitor visado?” (Toledo, 2001, p.12).

Como a prática de editar coleções corresponde a uma estratégia editorial¹⁰ dotada de especificidades, a metodologia de análise desenvolvida por Olivero, segundo Maria Rita de Almeida Toledo, “não só possibilita a reconstrução histórica das práticas específicas desenvolvidas pelos editores, como também permite redesenhar os leitores visados por estas práticas, os leitores imaginados e construídos pela prática editorial”¹¹. A coleção de livros representa, no campo editorial, um gênero que tem como princípio uma identidade própria padronizada por uma série de elementos comuns. Isso possibilita, com uma única fórmula editorial, produzir vários livros barateando seu custo. Desta forma, é possível estudar essa categoria de impresso por meio de modelo de análise que problematiza o conjunto de práticas mobilizadas no processo de produção de uma coleção¹². Esse modelo de análise da produção de uma coleção e sua relação com a difusão de saberes na escola, é descrito por Carvalho e Toledo, que delineiam um campo de pesquisa que dão sustentação aos estudos sobre impresso e os saberes pedagógicos, observando os aspectos materiais de uma coleção:

10 O conceito de estratégia é retomado por Carvalho e Toledo com base em Michel de Certeau: “Retomando aqui o conceito de estratégia de Michel de Certeau, pode-se propor que a edição de coleções é sempre produto de uma dupla intervenção em um lugar de poder: de um lado, a de um interesse econômico de uma casa de edição, marcadas por uma lógica que visa a ampliação do mercado editorial; de outro, a de uma política cultural que deposita no livro uma missão, variável segundo os objetivos que lhe são atribuídos por seus promotores, em situações históricas específicas” (Carvalho, M.M.C., Toledo, M.R.A, 2007, p 92).

11 Toledo cita textos para consulta em referência de número 4 In: TOLEDO, 2001, p.11.

12 Carvalho e Toledo, p.93, 2007. Referem-se à obra “*L’Invention de la collection - De la diffusion de la littérature et des savoirs à la formation d’un citoyen au XIX siècle*” de Isabelle Olivero, que historiciza a coleção e analisa o caso francês. Segundo Carvalho e Toledo, das análises de Olivero é possível compor um modelo de estudo sobre coleções.

“Parte-se do pressuposto de que, na materialidade da coleção, inscrevem-se dispositivos de constituição e organização dessa cultura, os quais não se resumem a procedimentos de seleção de enunciados pedagógicos, teóricos ou doutrinários, veiculados nos volumes que a compõe, mas que abrange também, a própria configuração material, textual e tipográfica desses volumes.” (Carvalho, M.M.C., Toledo, M.R.A, 2007, p 91).

É possível analisar esses aspectos materiais observando o livro segundo seus padrões de edição e editoração que, por sua vez, atendem a estratégias específicas, adotadas para a publicação, permitindo conhecer como se deu os critérios de escolhas desta coleção, pelo assunto que trata e para o público que se dirige.

Algumas informações são possíveis de observar pelos paratextos¹³ que compõem cada livro, outras, apenas perscrutando o processo de elaboração numa tentativa de reconstituir o projeto e conhecer suas intenções em relação à intervenção que pretende junto ao público destinatário, formado por leitores no interior da escola, com habilidades e práticas de leitura diversas. Sendo o livro um objeto de produção coletiva, que envolve diferentes profissionais e fases, em seu manual de editoração e estilo, Plínio Martins Filho nos aponta que,

“O trabalho de publicação de um livro abrange, inicialmente, sua produção intelectual e, em seguida, sua produção física. Concebido por um ou mais autores, preparados por uma equipe de profissionais, um livro editado é o resultado da atividade criativa de várias pessoas”. (Martins Filho, 2016, p15).

Estudar a produção de livros significa prestar atenção em seus aspectos físicos, que podem ser percebidos ao se olhar o objeto impresso. Mas, também implica perceber as intervenções de diferentes profissionais que constroem o livro, desde a capa, a apresentação, a edição, as prescrições editoriais¹⁴ de leitura, visando determinadas práticas leitoras de determinados públicos visados. Portanto, por meio do objeto impresso são estabelecidas relações, nem sempre visíveis, entre produtores e destinatários desse objeto. Faz parte desses aspectos da materialidade, estudar os livros em sua estrutura física, desde a capa, folha de rosto, quarta capa, como está disposto o sumário, a introdução, os capítulos, títulos, imagens, anexos, referências bibliográficas. Sobre a descrição de um livro, importante observar que a já na sua

13 Paratextos são, segundo Gérard Genette, os textos que acompanham o texto principal, tornando-o livro, “el paratexto es para nosotros, pues, aquello por cual un texto se hace libro y se propone como tal a sus lectores, y, más generalmente, al público (Genette, 2001, p.7).

14 “Presentación exterior del libro, nombre del autor, título, y lo que sigue tal como se ofrece a um lector dócil, que certamente no es el caso de todos” (Genette, 2001, P.8).

apresentação pode-se sugerir determinado tipo de leitura ou a obediência do leitor às prescrições de leitura - que podem ou não serem observadas pelo leitor. Nessa perspectiva, analisa Chartier, em sua obra *Ordem dos livros* que

“Tais relações são caracterizadas por um movimento contraditório. Por um lado, cada leitor é confrontado por todo um conjunto de constrangimentos e regras. O autor, o livreiro-editor, o comentador, o censor, todos pensam em controlar mais de perto a produção do sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados, glosados ou autorizados por eles sejam compreendidos sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva. Por outro lado, a leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitos”. (Chartier, 1994, p.7).

Entender esses intercâmbios em uma coleção de livros, por exemplo, na coleção em estudo, é colocar em questão as opções realizadas na sua produção – o que pode indicar a intencionalidade presente, na adoção de determinados dispositivos de leitura que, por sua vez, inscrevem práticas leitoras para o público visado. Mas, também problematizar o lugar de poder que seleciona o conteúdo dos textos publicados e os sentidos neles contidos, em uma determinada conjuntura histórica. Esta rede de sujeitos da produção da coleção são o objeto dessa investigação.

Na coleção em estudo, atentar para essas prescrições nos permite observar de que maneira aspectos da cultura escolar foram considerados. Entender esses intercâmbios entre as decisões editoriais, o impresso e a escola, podem contribuir com a eficácia de projetos de leituras pautados na realidade escolar e nos ajudar entender os motivos pelos quais determinados livros editados especialmente para a escola não são utilizados, tornando-se arquivo em uma sala de leitura.

Contudo, a utilização do livro na escola não é objeto direto desta investigação, porém, perscrutar essas considerações nos permite um diagnóstico mais preciso para editoração de livros voltados para o ambiente escolar.

Outra questão importante diz respeito ao financiamento da coleção, que tem sua publicação realizada por instituições públicas. A Fundação Memorial é a casa responsável pela publicação, em parceria com a SEE/SP e a FDE. No entanto, o Memorial tem seu departamento de publicações ligado à Biblioteca Latino-americana e não mantém um departamento de arquivos dos projetos editoriais de suas publicações. Dessa forma, a investigação referente aos trâmites de financiamento será necessária, além de uma apuração em relação a participação das entidades parceiras. Trata-se de uma coleção de financiamento público, pelo cunho do impresso

e as instituições envolvidas, de acordo com o site da SEE/SP, uma nota do dia 27/08/2009, em que anuncia a distribuição dessa coleção na rede estadual de ensino,

“O projeto é uma parceria da Secretaria com a Fundação Memorial da América Latina e tem como objetivo valorizar a história dos países que falam espanhol, português, francês e outros idiomas derivados do latim. O investimento nesse projeto é de aproximadamente R\$ 153 mil¹⁵”.

Porém, na notícia não é informada a origem desse investimento, concomitante com a Política Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), vigente de 2004-2010¹⁶. Política que teve como um de seus princípios, a diversificação das publicações voltadas para a escola e que distribuiu verba entre os estados da federação para este fim, numa parceria entre o Ministério da Cultura (MINC) e o Ministério da Educação (MEC), reunindo diferentes setores da sociedade e representantes das diferentes etapas na cadeia produtiva do livro (Mesquita, 2010, p. 85-86). Em relação à distribuição nas escolas, tratando-se de um impresso que mobiliza verba pública na produção, o diálogo junto aos professores de história do ensino básico ou de outras disciplinas que podem utilizar a coleção, uma vez que, sendo bilíngue pode ser trabalhada pelos professores de língua espanhola, por exemplo, traria maior visibilidade para a publicação. Reflexões e perguntas que surgem ao olharmos a coleção no sentido de compreendermos melhor os mecanismos que dispõem sobre os impressos veiculados na escola e seus processos de produção. A distribuição se deu para todas as escolas com Ensino Médio e centros de língua da rede estadual, porém, não foi acompanhada de um projeto de divulgação para o público destinatário.

A respeito do tema desta coleção, questionamentos sobre suas relações com o currículo e orientações curriculares no ensino básico da rede estadual integram outro ponto na constituição do problema de pesquisa, passando pelo entendimento acerca das utilizações de um impresso dirigido ao ambiente escolar. Nessa direção é preciso perguntar sobre os interesses que pautaram as relações dessa publicação com a história da América Latina presente no currículo do Estado de São Paulo e

15 Site da secretaria de educação:
<http://www.educacao.sp.gov.br/?s=cole%C3%A7%C3%A3o+de+livros+fundadores+da+am%C3%A9rica+latina>

16 Site do Ministério da Cultura sobre o PNLL: <http://www.cultura.gov.br/pnll>

observar no currículo esses cruzamentos entre o conteúdo tratado pela coleção e o proposto pelo Currículo.

Também nos interessa as relações do Estado com a publicação e seu desdobramento no estado de São Paulo, que é concomitante à implementação do Currículo São Paulo Faz Escola¹⁷, proposta de unificação curricular para a rede estadual de ensino, composto por cadernos do professor e aluno, com propostas de conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas por série/ano bimestralmente e atividades/aulas. A presença de conteúdos sobre América Latina, no currículo São Paulo faz escola, é bastante reduzida em relação aos conteúdos que tratam de Europa e Estados Unidos, por exemplo. Observando o recorte de tempo e eventos na coleção, os conteúdos estão localizados na prescrição para o 1º bimestre do 8º ano do Ensino Fundamental II como: A colonização espanhola e a independência da América espanhola – com o indicativo de desenvolvimento da habilidade de “identificar as principais formas de resistência das populações ameríndias às relações de exploração de trabalho introduzidas pelos espanhóis” (Currículo São Paulo Faz Escola, 2008).

Já para o Ensino Médio, esse conteúdo aparece no 3º bimestre do 2º ano como “Processos de independência e formação territorial na América Latina” e é indicado o desenvolvimento da habilidade de “compreender os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais dos processos de independência e formação territorial na América Latina” (Currículo São Paulo Faz Escola, 2008).

O levantamento sobre a história da América Latina no ensino de história contribuirá para contextualizar a elaboração, publicação e distribuição desta coleção, possibilitando observar sua relação com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para área de Ciências Humanas, que entre suas orientações, encontramos que “a história social e cultural tem se articulado à história econômica e política, possibilitando o surgimento de vozes de grupos e classes sociais antes silenciados” (PCN, p. 21, 1996), querendo colocar aqui que o conhecimento sobre América Latina está longe de ser propagado, sendo para a grande maioria da população uma voz silenciada.

O levantamento e a análise desses dados permitirão estabelecer ligações entre a publicação da coleção, as políticas de livro e orientações curriculares nacionais e

17 Dados em: <http://www.educacao.sp.gov.br/sao-paulo-faz-escola>.

estadual, contribuindo para a compreensão das configurações estabelecidas entre os saberes selecionados para a escola, as publicações de livros paradidáticos e suas relações com o Estado, nos desdobramentos de suas políticas públicas para este fim.

Assim, interessa investigar essas relações envolvidas na produção de livro paradidático, na política de livro e leitura, seu desdobramento em São Paulo e nas incursões da história da América Latina no ensino de história escolar, contornando uma reflexão sobre a produção da identidade no ensino de história no tocante ao contexto latino-americano e observando de que forma se propaga o posicionamento político dos Governos Federal e Estadual na seleção de saberes voltados para educação pública referente ao conteúdo indicado.

Segundo textos de Circe Bittencourt sobre o ensino de América, em alguns momentos deparamos com a ausência sobre a América Latina, em íntima relação com as questões políticas e identitárias que reincidentem no histórico do sistema de educação brasileiro por uma disputa hegemonizada pela ideologia dominante que se pautou pela América estadunidense. Ainda que incluísse conteúdos sobre América no ensino de história, era numa perspectiva voltada para a formação de uma identidade branca e cristã, desde a própria identidade nacional nos manuais prescritivos de ensino: “o nacional era entendido não como o lugar em que viviam os negros, índios e mestiços, mas o branco civilizado, carregado das tradições dos antigos, resultado da evolução histórica ocidental” (Bittencourt, P 62, 1990).

Já no final dos anos 90, um conjunto de modificações no ensino de história da América e a ampliação do debate sobre diversidade étnica e identidades, “condições que ampliam os estudos sobre a América Latina, favorecem a produção e circulação didática e obras paradidáticas” (Bittencourt, p 14, 2005). Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que também contou com contribuições de Bittencourt, encontramos orientações nesse sentido, porém, esse desdobramento não está contemplado no currículo da rede estadual paulista. Interessa, então, problematizar essas relações para compreender a publicação e refletir sobre a presença dos países vizinhos nas questões curriculares partindo deste material impresso.

Dessa forma conhecer esse material, a coleção de livros Fundadores da América Latina, suas condições de produção e elaboração nos permite perceber como se dão as relações entre política, impresso, educação para refletir a escola, suas práticas e seus leitores e através do olhar como professora do ensino básico que surge

o interesse de conhecer mais sobre os trâmites envolvidos na produção de livros - tão indispensável no processo ensino-aprendizagem por meio desse material.

Assim, a pesquisa se organiza nesse primeiro capítulo introdutório pela trajetória docente que tornou possível tomar como objeto de pesquisa a coleção de livros e a apresentação dessa coleção, explanando sobre as possibilidades de estudo que ela contém e a bibliografia pautada na história dos livros e da coleção e sua relação com a educação.

No segundo capítulo, a origem da coleção é explorada através da apresentação da política nacional de livros e leituras vigente no período em que a coleção foi realizada e que financia a produção de livros nos estados. Como essa política se desdobra por meio da produção da coleção de livros em São Paulo e as entidades envolvidas na produção como a Fundação Memorial da América Latina que é responsável pela coordenação e publicação da coleção.

O terceiro capítulo vai pautar o estudo da coleção em seu campo de pesquisa. Por meio da apresentação de seu aparelho crítico, que são os aparatos que acompanham o texto principal, tornando-o mais didático, como no caso dessa coleção, que é voltada para a escola. Conceitos desenvolvidos por Isabelle Olivero, retomado por Maria Rita de Almeida Toledo e Marta Carvalho são o principal referencial teórico desse capítulo em que é abordado também a elaboração da coleção a partir de uma seleção de autores que configuram um importante circuito de estudos sobre América.

O quarto capítulo, as relações (ou falta) entre o currículo paulista e a coleção de livros em estudo voltada para a mesma rede de ensino são levantadas, refletindo o ensino de história no tocante a América Latina e que América Latina está representada nesta coleção de livros. Quais as possíveis utilizações como proposições didáticas da coleção no interior da escola.

2. A COLEÇÃO DE LIVROS FUNDADORES DA AMÉRICA LATINA

2.1 A COLEÇÃO E A POLÍTICA NACIONAL DE LIVROS

Como já indicado na introdução, a Coleção Fundadores da América Latina foi publicada em 2008, produzida por uma parceria entre a Fundação Memorial, Fundo de Desenvolvimento da Educação (FDE) e a Secretaria de Educação de São Paulo (SEE/SP) com o intuito de divulgar a História da América Latina entre os estudantes da rede estadual paulista. A coleção foi organizada por uma especialista em América Latina, a Prof^a.Dr^a da Universidade de São Paulo, Maria Lígia Prado.

Composta por seis livros em edição bilíngue (português/espanhol), sendo o primeiro livro de apresentação do contexto histórico, e os outros cinco sobre as lideranças das lutas de independência na América do Sul e Cuba, com um recorte que considera as ex-colônias espanholas em um conjunto de fatores que impactaram nas lutas por emancipação no século XIX e as constituições dos Estados Nacionais.

No texto de apresentação da coleção, assinado por sua coordenadora, é citada a importância de estudantes do Ensino Básico entrarem em contato com acontecimentos históricos que geraram as nações latino-americanas (Prado, 2008, p.5) pela importância desse período de formação das nações americanas, com enfoque centrado nas ex-colônias hispânicas, dialogando com os fatores que impactaram nas lutas por emancipação em relação à metrópole espanhola no século XIX e nas constituições dos Estados Nacionais no continente americano.

Ao pesquisar esse impresso sobre a América Latina, devemos levar em conta a necessidade de uma reflexão sobre as intenções contidas nesta publicação em relação ao tema, suas motivações e que América Latina está sendo representada. Podemos perceber que a decisão política de editar uma coleção sobre América Latina em 2006 coincide com um período de fortalecimento do MERCOSUL - Mercado Comum do Sul, bloco econômico de integração regional no continente surgido no final dos anos 80 e retomado por ações em diversos setores, durante o primeiro mandato do governo de Luís Inácio da Silva, o presidente Lula:

“Em 2003, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tomou posse no Brasil, prometendo priorizar a construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera e unida e revitalizar o Mercosul, entendido, acima de tudo, como um projeto político. Nesse sentido, a atuação brasileira voltou-se para uma recuperação de uma visão mais ampla da integração, englobando

aspectos preteridos nos anos 90 em virtude da centralidade assumida pela liberalização comercial entre os Estados-membros.” (Alexandre, Leite, p.14, 2007).

Esse processo de integração se desdobra também na política de livros em torno da diversificação da leitura, incluindo a ampliação do conhecimento acerca dos povos vizinhos através do Plano Nacional do Livro e da leitura realizado nesse período,

“Em 2004, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva desenvolveu o Programa Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), coordenado pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério da Educação, diretrizes para uma política geral integrada voltada à leitura e ao livro no Brasil.” (Mesquita, 2010, p.84).

Esta Política teve como um de seus princípios a diversificação das publicações voltadas para a escola e distribuiu verba entre os estados da federação para este fim numa parceria entre o Ministério da Cultura (MINC) e o Ministério da Educação (MEC), reunindo diferentes setores da sociedade e representantes das diferentes etapas na cadeia produtiva do livro (Mesquita, 2010, p.85-86).

Essa política de livros se configurou, nacionalmente, como sendo a maior já implementada pelo governo federal na produção e financiamento de livros no país, já que distribuiu verbas para os estados com a finalidade de formação e ampliação de um público leitor a partir das escolas, bibliotecas e salas de leitura públicas:

“O PNLL adquiriu a dimensão de uma política de Estado abrangente, a fim de costurar programas, ministérios, iniciativas, políticas e ações dos governos nas três instâncias administrativas, ONGS, empresas privadas, buscando assim evitar o caráter por demais assistemático, fragmentário e pulverizado com que se têm implementado essas iniciativas em nosso país, desde, pelo menos, o início do século XIX.” (Mesquita, p 85, 2010).

Nos estados, o desdobramento dessa política financiou publicações voltadas para a escola, para as bibliotecas, centros de línguas e salas de leitura¹⁸ e no caso paulista, essa diversificação na política de livro e leitura vai considerar a massiva presença latino-americana de povos vizinhos em São Paulo e na importância de se veicular materiais sobre a História da América Latina entre os estudantes¹⁹, contexto

18 Site do Ministério da Cultura sobre o PNLL: <http://www.cultura.gov.br/pnll>.

19 Alexandre, Cristina Vieira Machado. Leite, Iara Costa. O primeiro Governo Lula e o MERCOSUL: iniciativas intra e extra-regionais. Oikos - Revista de economia heterodoxa nº7, ano VI, 2007. In> <http://www.revistaokos.org/seer/index.php/oikos/article/view/16/12>.

favorável para a editoração de uma coleção nessa temática. Em São Paulo, a Coleção Fundadores da América Latina teve sua produção realizada por uma parceria firmada por um termo de colaboração assinado em 2006. Fui informada pela Fundação Memorial da América Latina, que elaborou a coleção que:

“A produção, edição e publicação da Coleção *Fundadores da América Latina* foram previstas no Termo de Cooperação firmado entre a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo e a Fundação Memorial da América Latina em 23 de novembro de 2006. O termo estabelecia, como objetivo comum, a disponibilização a alunos e professores da rede de ensino estadual, de material bibliográfico para apoio às atividades de pesquisa e produção de conhecimento sobre a História da América Latina. Nesse sentido, a coleção tratou dos personagens históricos de reconhecido relevo, vinculados aos processos de independência e de construção dos Estados nacionais latino-americanos. Coube ao Memorial, conforme cláusula do Termo, coletar o texto de cada volume e arcar com os custos dos direitos autorais correspondentes e os direitos sobre as traduções para espanhol ou para português dos originais apresentados pelos autores. À Secretaria da Educação, por sua vez, coube adotar todas as demais providências para a publicação e distribuição da coleção, contando, para tanto, com a participação da Imprensa Oficial do Estado. A tiragem inicial prevista era de 20.000 exemplares, 19.500 para escolas e 500 para o Memorial.”²⁰

A Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE - participou com a impressão dos livros e a distribuição para as Diretorias de Ensino no Estado de São Paulo; e em seguida, das Diretorias para as escolas e centros de línguas. Porém, sobre a distribuição nas escolas, é preciso indicar que não houve divulgação ou apresentação da coleção aos professores de História do Ensino Básico e de outras disciplinas que poderiam usar o material. Esta falta de comunicação se constituiu como um problema, posto que, se fosse feita, traria maior visibilidade para a publicação.

O ritmo de produção da coleção aconteceu entre o momento em que se firmou a parceria em novembro de 2006 e sua publicação em 2008, porém, a distribuição para as escolas se iniciou no segundo semestre de 2009²¹. Os livros foram lançados todos juntos e não houve reedição. Era uma verba específica destinada para a produção de livros voltados para a escola, a partir do Governo Federal. Na editoração e impressão pode-se escolher um papel bastante caro: 90g/m² Offiset que tem um

20 A informação foi passada via e-mail por Aparecida da Graça Guimarães, gerente da Biblioteca da Fundação Memorial da América Latina.

21 <http://www.memorial.org.br/2009/07/colecao-fundadores-da-america-latina-e-distribuida-em-escolas-publicas/>.

aspecto brilhante pouco usual para impresso de utilização escolar. Pode-se especular que os produtores da coleção poderiam ter escolhido um papel mais barato e gastado a verba com algum tipo de impresso para divulgação da coleção, como um folder ou um cartaz voltado para o público destinatário. Ou ainda, incluído mais um livro, sobre o Haiti no contexto das Independências latino-americanas, que acabou ficando de fora da impressão, sendo parte do projeto editorial inicial.

Essa classe de livros, de uso no ambiente escolar, geralmente, “é produzido em grandes tiragens, em encadernações, na maior parte das vezes, de pouca qualidade, deteriora-se rapidamente e boa parte de sua circulação se realiza fora das grandes livrarias e bibliotecas” (Batista, 1999, p. 529).

A coleção teve alta tiragem, de 120 mil exemplares e com papel de alta qualidade, porém, sem meios de apresentação e divulgação entre os professores da rede. Refletir essas condições de produção, sua historicidade e estratégias²² só foi possível em função do estudo desse campo de conhecimento por meio constituído das leituras que compõe esse estudo.

2.2 A FUNDAÇÃO MEMORIAL E A PRODUÇÃO DA COLEÇÃO FUNDADORES DA AMÉRICA LATINA

A Fundação Memorial foi a casa responsável pela publicação, em parceria com a SEE/SP e a FDE da Coleção de Livros Fundadores da América Latina. Levantamos a participação de cada departamento nessa parceria com certa dificuldade, dado a falta de registros e arquivos sobre o projeto editorial da coleção e imprescindível para os estudos neste campo, entre a História do Livro e o Ensino de História, a importância de se arquivar documentos referentes à elaboração de um projeto editorial ou mesmo o próprio projeto editorial dos livros que são produzidos com verba pública e voltados para a escola e para a educação pública.

22 “Retomando aqui o conceito de estratégia de Michel de Certeau, pode-se propor que a edição de coleções é sempre produto de uma dupla intervenção em um lugar de poder: de um lado, a de um interesse econômico de uma casa de edição, marcadas por uma lógica que visa a ampliação do mercado editorial; de outro, a de uma política cultural que deposita no livro uma missão, variável segundo os objetivos que lhe são atribuídos por seus promotores, em situações históricas específicas” (Carvalho, M.M.C., Toledo, M.R.A, 2007, p 92).

A Fundação Memorial tem seu departamento de publicações ligado à Biblioteca Latino-americana. Estes dois órgãos contribuíram com informações sobre a elaboração da coleção. Em nota encontrada no site da SEE/SP na data de 27/08/2009, foi anunciada a distribuição dessa coleção na rede estadual de ensino. A postagem indica que

“O projeto é uma parceria da Secretaria com a Fundação Memorial da América Latina e tem como objetivo de valorizar a história dos países que falam espanhol, português, francês e outros idiomas derivados do latim. O investimento nesse projeto é de aproximadamente R\$ 153 mil²³”.

Como responsável pela edição da coleção, a Fundação Memorial da América Latina, na divisão de tarefas da parceria com as outras entidades, lhe coube a elaboração dos textos.

A escolha dessa entidade - integrante da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo – para a produção da coleção teve importância simbólica já que é órgão responsável pela divulgação das culturas latino-americanas, de sua história e memória; mas também é lugar de encontro dos povos imigrantes de países vizinhos na capital.

Para Carvalho e Toledo o lugar simbólico de produção de uma coleção faz parte das estratégias de legitimação da circulação de impressos. Segundo as autoras:

“O nome do editor/organizador deve atestar para o seu público-alvo, a legitimidade e a procedência dos critérios que presidiram a escolha dos títulos e dos autores que integram a coleção. Por isso, a posição e o prestígio do organizador/editor no campo educacional conferem a seu nome a autoridade necessária para legitimar a coleção perante o seu público-alvo”. (Carvalho. Toledo. 2007).

Nessa direção, o nome Fundação Memorial da América Latina legitimava a importância e a qualidade da Coleção Fundadores da América Latina.

Fundado em março de 1989, na cidade de São Paulo, no bairro da Barra Funda, o Memorial da América Latina é um centro cultural concebido por Darcy Ribeiro e projetado por Oscar Niemeyer para promover maior integração entre povos de línguas

23 Site da secretaria de educação:
<http://www.educacao.sp.gov.br/?s=cole%C3%A7%C3%A3o+de+livros+fundadores+da+am%C3%A9rica+latina>.

portuguesa e hispano-americana. É uma fundação de direito público estadual vinculada à Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo.²⁴ O Memorial é composto por diversos prédios que guardam exposições permanentes, recebem exposições provisórias de culturas e artistas do continente e sedia variados eventos como shows, festivais, mostras, cursos, palestras, sendo um importante centro de referência e divulgação das culturas latino-americanas em São Paulo.

A produção de conhecimento também é uma das preocupações do Memorial da América Latina. Por meio do Centro Brasileiro de Estudo sobre a América Latina – CBEAL –, são desenvolvidos cursos e elaborados impressos, mantendo um departamento de publicações. Além de livros e coleções, o Memorial mantém uma revista periódica que se encontra na 52ª edição. A revista é intitulada *Nossa América*, e porta um conteúdo voltado para questões latino-americanas produzido por artistas e intelectuais de todo o continente.

Em relação aos livros, os temas abordados dizem respeito a variados aspectos da América Latina na perspectiva de contribuir com a circulação de textos que ampliem o conhecimento sobre a sua história, arte e a cultura dos povos latino-americanos, fortalecendo a questão da memória e promovendo identidade e conhecimento.

O projeto editorial da Coleção:

Pela análise da publicação em estudo, é possível fazer algumas considerações sobre a configuração do projeto editorial. Este projeto traz consigo uma fórmula circunscrita a uma história tradicional pautada na consolidação de líderes influentes, oriundos das elites locais de seus países. Além disso, o projeto objetiva configurar a constituição de uma memória continental comum pela contemporaneidade de suas lutas, diálogos e conjunturas, em que, apesar das semelhanças no processo histórico, dialogam pouco entre si se buscarmos referências entre os países latino-americanos, como indica Maria Ligia Prado em um artigo sobre história comparada, "na medida em que a história de cada país latino-americano corre paralelamente às demais, atravessando situações sincrônicas bastante semelhantes" (PRADO, 2005, p.12).

24 Dados sobre a Fundação Memorial da América Latina do site da entidade: <http://www.memorial.org.br/>

As interfaces entre os líderes retratados nas conformações dos estados nacionais descortinam uma historicidade própria da emergência de uma História da América Latina no período de suas independências. Nesse sentido, pode-se considerar que o projeto editorial da Coleção está permeado por um lugar de memória, tal como em Pierre Nora, em que o passado se revela no presente por meio da busca pela memória, nesses volumes, expressa em seu conteúdo ao tratar do contexto das independências por meio da memória dessas figuras fundadoras dos estados nacionais na América Latina. Esse conteúdo toma as construções posteriores das imagens dos líderes das historiografias nacionais, fazendo circular as memórias e apropriações delas construídas.

O termo de parceria estabelecia como objetivo comum a disponibilização a alunos e professores da rede de ensino estadual, de material bibliográfico para apoio às atividades de pesquisa e produção de conhecimento sobre a História da América Latina. Esse projeto pautado na construção de um lugar de memória comum para os países latino-americanos também se expressa no próprio documento organizador da publicação. Segundo esse termo de parceria firmado entre a SEE/SP e a Fundação Memorial, o Memorial se encarregaria da elaboração da coleção de seis livros sobre História da América Latina nos moldes da coleção já editada naquele mesmo ano: *Coleção Fundadores da Nação*. Cabe aqui, uma breve apresentação dessa primeira coleção que empresta a fórmula editorial que será apropriada pela *Coleção Fundadores da América Latina*.

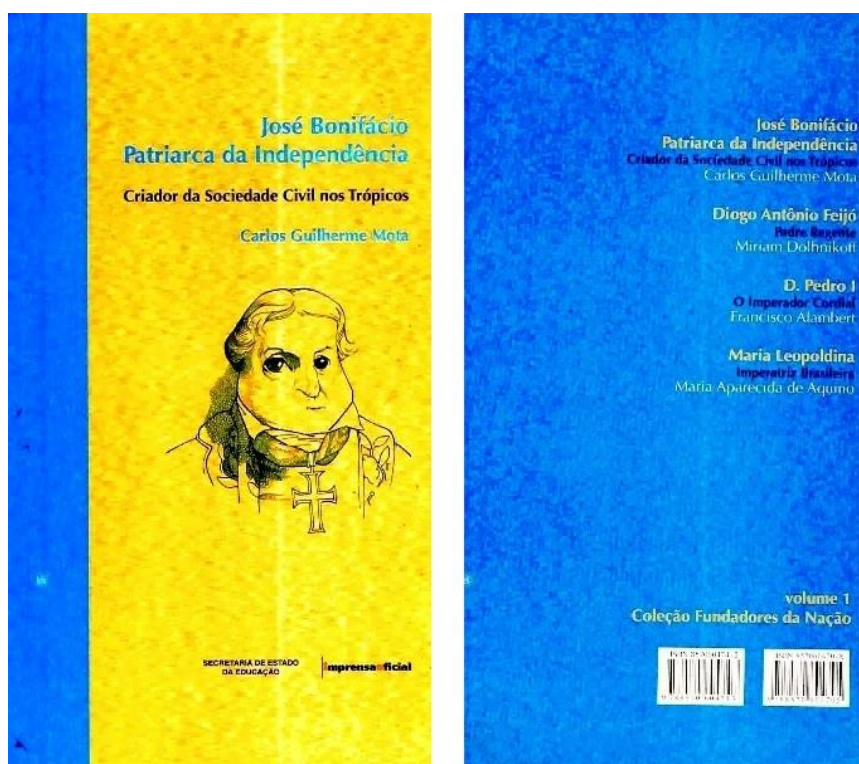
A *Coleção Fundadores da Nação* foi publicada em setembro de 2006, em cinco volumes por ocasião das comemorações em torno da Independência do Brasil. Com viés biográfico, foram selecionadas figuras históricas que tiveram atuação no processo de emancipação política do país em relação à metrópole portuguesa. Para assinar a organização a coleção foi convidado o historiador e professor da Universidade de São Paulo Carlos Guilherme Mota.

Os seus quatro primeiros volumes foram lançados juntos em uma solenidade no Palácio dos Bandeirantes e o quinto volume foi lançado posteriormente.²⁵ Os livros que integram a coleção *Fundadores da Nação* são: *José Bonifácio - Patriarca da*

25 <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/especial-do-d-o-imprensa-oficial-lanca-os-4-primeiros-livros-da-colecao-fundadores-da-nacao/>.

Independência, escrito por Carlos Guilherme, o segundo volume sobre *Diogo Antônio Feijó - Padre Regente* e escrito por Miriam Dolhnikoff, o terceiro volume sobre *Dom Pedro I - o Imperador Cordial*, de Francisco Alambert, o quarto volume *Maria Leopoldina - Imperatriz Brasileira*, escrito por Maria Aparecida de Aquino e finalmente, o quinto volume posterior *Alexandre de Gusmão - Diplomata na Corte*, escrito por Janice Theodoro da Silva. Os autores convidados por Mota, assim como ele próprio, tiveram formação e atuação docente na Universidade de São Paulo, conformando uma referência que concede prestígio a esta publicação. Podemos visualizar as capas e quarta-capas nas imagens a seguir:

Figura 2 - (Esquerda) Capa do volume 1 da coleção fundadores da nação; (Direita) quartacapa.



Essa primeira coleção foi editorada pela Imprensa Oficial de São Paulo e teve como coordenador, como já indicado, Carlos Guilherme Mota, Professor da Universidade de São Paulo, pesquisador e autor de vários livros, entre eles o primeiro da *Coleção Fundadores da Nação*. A fórmula utilizada nessa coleção foi desenhada pela Imprensa Oficial, que editorou e imprimiu.

Diferente da coleção *Fundadores da América Latina* que traz o nome da coordenação da coleção na capa, na coleção *Fundadores da Nação* a informação

sobre a equipe de coordenação da coleção consta na última folha do livro. Outra diferença de padrão na organização das duas coleções é a apresentação; na primeira, sobre o Brasil, é escrita pelo governador em exercício na época de sua publicação, Cláudio Lembo. Já a coleção sobre América Latina, publicada em 2008 tem a apresentação escrita pela coordenadora, Maria Ligia Prado. Evidente diferença na proposta de biografia que é estabelecida nos dois projetos, no primeiro: “pretende-se, com esse projeto, edificar uma galeria de figuras notáveis: o nosso Panteão, aqueles que pensaram a construção de um Brasil Independente” (Cláudio Lembo na apresentação da coleção Fundadores da Nação). Na segunda coleção, temos na apresentação sobre a ideia de biografia em que: “(...) discutem a construção posterior das figuras desses heróis pelas historiografias nacionais” (Maria Ligia Prado na apresentação da Coleção Fundadores da Nação).

O Professor Carlos Guilherme da Mota também foi um dos fundadores do Memorial da América Latina e orientador das pesquisas de mestrado e doutorado da Professora Maria Ligia Prado, coordenadora da Coleção Fundadores da América Latina, ambos professores e pesquisadores de referência em seus campos de estudo, conferindo prestígio, portanto, às coleções editoradas pelo Governo de São Paulo.

Esta fórmula adotada na coleção coordenada por Mota se repete na segunda coleção produzida pelo Governo de São Paulo por via da Fundação Memorial da América Latina, coordenada por Maria Ligia Prado com biografias de lideranças que se destacaram no processo de independência continental e representando nomes relevantes no campo de pesquisa sobre América Latina.

Para a Coleção Fundadores da América Latina, cujo conteúdo são as biografias de Simón Bolívar, San Martín, Bernardo O'Higgins, José Martí e José Artigas, Maria Ligia Prado convidou cinco dos autores da coleção, optando, editorialmente, por trabalhar com sujeitos formados em seu grupo de pesquisa, orientados por ela mesma ou por parceiros de investigação. Nesse sentido, os autores eram já conhecidos em suas trajetórias de formação e linha de pesquisa. Esta opção parece ter facilitado o diálogo no processo de produção desse projeto editorial, cuja demanda de escrita era de curto prazo. Além disso, como parceiros de investigação, as perspectivas historiográficas se afinavam e se aproximavam daquelas da organizadora da coleção.

Apenas Selva López Chirico, autora do primeiro livro da coleção, participa do projeto convidada diretamente pela Fundação Memorial, na qual já desenvolvia

trabalhos por conta de sua participação na Revista Nossa América²⁶, na mesma época em que foi firmada a parceria para a produção da Coleção Fundadores da América Latina.

Fazia parte do projeto inicial da coleção *Fundadores da América Latina*, um livro sobre História do Haiti, que foi escrito por Daniel Helene²⁷, biografando a liderança de Toussaint l’Ouverture durante a luta pela independência do país²⁸ e de significativa importância no contexto das independências do continente americano. A publicação desse texto junto à coleção, seria de grande valor para ampliação do conhecimento sobre a história de resistência do continente. Porém, o livro não foi publicado e nenhuma justificativa foi dada por parte das entidades envolvidas na produção para a coordenação e autores.²⁹ Os textos foram entregues pelos autores à coordenadora Maria Ligia Prado, que os entregou à Fundação Memorial da América Latina, que os enviou para a FDE – Fundação de Desenvolvimento para Educação do Estado de São Paulo, onde foram editorados, impressos e distribuídos.

Diante da falta de arquivos referentes às decisões editoriais por parte das entidades governamentais envolvidas na publicação, a hipótese mais provável dessa exclusão reside na priorização dos países com colonização de origem espanhola coadunando com a implementação do idioma na rede estadual de ensino em desdobramento de uma política nacional de implementação da Língua Espanhola em território nacional de acordo com a política de fortalecimento do MERCOSUL e também, marco comemorativo do Bicentenário das Independências Hispânicas no continente americano.

Na observação dos aspectos de elaboração, como se vê, na coleção Fundadores da América Latina foi expressa as perspectivas historiográficas de sua organizadora, Maria Ligia Prado.

2.3 A COORDENADORA DA COLEÇÃO: MARIA LIGIA COELHO PRADO

26CHIRICO, Selva Lopez. Uruguay. Balance de un año de gobierno. Nossa América, São Paulo, Brasil. Nuestra América Revista Del Memorial de América Latina Nº 23 São Paulo, São Paulo. Brasil, v. 23, n.23, p. 42-45, 2006.

27 Informação transmitida por Stella Maris Scatena Franco, autora na coleção e colaboradora no projeto editorial de Maria Ligia Prado.

28 Informação transmitida pelo autor, Daniel Helene.

29 Informação transmitida pelo autor, Daniel Helene.

“O lugar de organizador de coleção permite fazer estrondar bacamartes no campo cultural.” (Toledo, 2010, p.146)

A Professora Maria Ligia Coelho Prado tem uma participação imprescindível na formação de “um importante grupo de jovens pesquisadores de História da América Latina” (apresentação da professora na orelha do livro América Latina no século XIX - Tramas, Telas e Textos, publicado pela EDUSP em 2014). Por toda a sua produção, atuação e relevância neste campo de pesquisa, falar sobre seu histórico tem uma dimensão fundamental para compreendermos a condução dada no projeto editorial desta coleção e na configuração desse grupo de autores ligados a ela na condição de alunos, orientandos e parceiros de pesquisa.

No prefácio do livro citado, resultado de sua tese de doutorado, José Sebastião Witter declara já no primeiro parágrafo quão difícil é a tarefa de apresentara consagrada Maria Ligia Prado e sua obra aos leitores, justamente por sua enorme relevância no campo dos estudos de América Latina no Brasil:

“Maria Ligia vem, de certa forma, tentando compreender o fenômeno latino-americano, em suas pesquisas, seus cursos, seus livros. Busca entender as peculiaridades deste universo que é o continente latino-americano. Cuida de aspectos marcantes do fenômeno da independência hispano-americana e também da identidade nacional, mas busca nos escritos literários as bases para os diferentes aspectos relevantes da pesquisa da historiadora e pensadora Maria Ligia³⁰”.

É importante salientar o papel da coordenação da conformação do projeto editorial da Coleção. Nesse sentido, apresentar a coordenadora e sua trajetória, nos ajuda a entender suas intervenções e orientações no projeto. Em diversos de seus trabalhos, Maria Lígia Prado demonstra a preocupação com o debate sobre a América Latia no ensino. Seria, pois bem, incorreto discordar de Witter quanto à importância da autora neste assunto.

Maria Lígia realizou seus estudos da graduação em História em 1971 à Livre Docência em 1996, na FFLCH/USP, onde também foi professora titular de

30 Prefácio de Witter em Prado, Maria Ligia Coelho. América Latina no século XIX: tramas, telas e textos. São Paulo: EDUSP, 2000.

América Independente até 2002, tornando-se professora Emérita da Universidade em 2012 e da CNPQ em 2016.³¹

Além de uma trajetória de pesquisa em íntima relação com a docência, podemos observar ainda uma militância em torno da ampliação e divulgação sobre a produção acadêmica e historiográfica em torno da História da América Latina. Tem atuação na ANPHLAC desde sua fundação, presidindo a entidade de 1998/2000. Também é membro do LEHA do Departamento de História da USP - tendo-o coordenado. Autora de uma vasta produção historiográfica sobre América Latina, seu papel como professora pesquisadora é muito relevante na formação de uma geração de pesquisadores e professores de História da América Latina. O nome de Maria Lgia Prado como coordenadora da coleção em estudo é referencial. Em 2006 no momento em que é convidada para coordenar a coleção, Maria Lgia Prado estava envolvida em diversos projetos relacionados à América Latina, o mais extenso de 2003 a 2008, intitulado Política, nação e pintura histórica na América Latina da segunda metade do século XIX, na Universidade de São Paulo.³²

Em um artigo de 2005, Maria Lgia Prado discute a história comparada no contexto Brasil e América Latina³³, em que é notório sua preocupação com a forma como a América Latina é vista no Brasil, conclui que “a produção historiográfica brasileira se enriquecerá se olhasse com mais atenção para as possibilidades de comparação e das conexões” com outros países da América Latina. (Prado, 2005)

Posteriormente, a autora publica em parceria com Gabriela Pellegrino - autora na coleção em estudo - o livro História da América Latina³⁴. Em entrevista sobre a publicação dessa obra, Maria Lgia revela que o ensino de História da América Latina sempre esteve presente em suas preocupações como historiadora, declarando que o intuito do livro paradigmático, que acabara de publicar com Pellegrino, era o de ser utilizado pelo público em geral interessado em conhecer mais sobre o continente, mas também por estudantes do ensino básico e iniciantes na graduação de História ³⁵.

31 Dados da plataforma Lattes.

32 <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4788834P6>.

33 Prado, Maria Lgia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina. Revista de História, 2005, p. 11-33.

34 Prado, Maria Lgia & PELLEGRINO, Gabriela. História da América Latina. São Paulo: Contexto. 2014.

35 <https://www.youtube.com/watch?v=-WQU9PCQUBg>.

No que se refere ao papel de Maria Lígia nesta coordenação, recorrendo novamente aos estudos de Carvalho e Toledo - que conformam um modelo de análise sobre coleção - nos explicam referindo-se às coleções que analisaram que nomes bastantes conhecidos, as etiquetas “Fernando de Azevedo” e “Lourenço Filho” legitimam o conjunto de títulos e autores publicados nas coleções que organizam (Carvalho. Toledo. 2007). Assim, no caso da coleção Fundadores da América Latina, o nome de Maria Lígia Prado para coordenação dessa coleção configura parte da estratégia de se editar coleções pela escolha do Memorial da América Latina consolidar e legitimar seu projeto, ao transformar a coleção em uma coleção autoral.

3. A COLEÇÃO EM SEU CAMPO DE ESTUDOS

3.1 O ESTUDO DA COLEÇÃO FUNDADORES DA AMÉRICA LATINA

Como tem sido indicado ao longo dessa dissertação, o estudo de uma coleção de livros está inserido em um campo de pesquisa que toma o impresso em sua materialidade, analisando seus aspectos editoriais como resultado de seu tempo e das demandas do mercado editorial, do público destinatário das prescrições de leitura.

Assim, a opção editorial na publicação de uma coleção sobre América Latina para o ensino de história nas escolas públicas nos dá indícios para novos olhares sobre a escola e seus aparatos didáticos e da necessidade de historicizar esses impressos de utilização escolar, por via da apresentação física da coleção, segundo modelo de análise sob uma bibliografia situada na história do livro e das coleções.

Investigar essa coleção de livros em interface com a escola, segundo escritos de Carvalho e Toledo, implica na análise material de coleções³⁶

“A escola passa a ser concebida como produto histórico da interação entre dispositivos de normatização pedagógica e práticas dos agentes que se apropriam deles. Com os conceitos de forma e cultura escolares, são postas em foco as práticas constitutivas de uma sociabilidade escolar e de um modo, também escolar, de transmissão cultural. Mas também são focalizados, com esses conceitos, os dispositivos que normatizam tais práticas: dispositivos de organização do tempo e do espaço escolar; dispositivos de normatização dos saberes a ensinar e das condutas a inculcar. É assim que, embaralhando a demarcação entre história das ideias e história das instituições escolares, ganha espaço um multifacetado campo de investigações sobre impressos de destinação pedagógica e seus usos escolares. São essas investigações que dão sólidos suportes a uma história cultural dos saberes pedagógicos interessada na materialidade dos processos de difusão e imposição desses saberes e na materialidade das práticas que deles se apropriam.” (Carvalho, M.M.C., Toledo, M.R.A., 2007, p.89).

Orientar-se metodologicamente por essa bibliografia sobre impresso, em sua relação estreita com a escola, nos permite conhecer os estudos sobre coleção e a partir disso analisar a Coleção Fundadores da América Latina segundo o campo de pesquisa situado na história do livro, com subsídios para observação dessa

36 Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo - autoras: Marta Maria Chagas de Carvalho e Maria Rita de Almeida Toledo. In: Cinco estudos em História e Historiografia da Educação/organizado por Marcus Aurélio Taborda de Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

materialidade presente no impresso desde a decisão editorial até sua distribuição e utilização. No campo editorial, a coleção de livros é configurada por dispositivos de leitura que tem como princípio uma identidade própria que é a sua padronização.

Partindo desse aporte conceitual sobre análise de coleção de livros, buscando entender melhor a relação entre impresso, história e escola, observando a coleção em estudo, suas utilizações e relações com a história escolar. Nesse sentido, todo aporte de pesquisas mobilizado por historiadores que se empenham em construir uma historiografia do livro em que “o estudo de uma coleção na perspectiva de uma história cultural do livro e de seus usos inscreve-se no território conceitual traçado pelas proposições historiográficas de Roger Chartier sobre materialidade do impresso” (Carvalho, M.M.C. Toledo, M.R.A. 2007, p.100).

Assim, na coleção em estudo, observamos sua materialidade buscando entender melhor a relação entre impresso, história e escola e, deste modo, decifrar esse objeto de estudo e ferramenta de trabalho no cotidiano escolar do Ensino Básico.

“O modelo de análise das coleções propostos por Olivero não só possibilita a reconstrução histórica das práticas específicas desenvolvidas pelos editores, como também, permite redesenhar os leitores visados por essas práticas, os leitores imaginados e construídos pela prática editorial. Daí a importância do estudo do texto em sua materialidade. E a partir do próprio livro ou do conjunto dos livros em coleção, que é possível recompor os projetos específicos como estratégias que visam públicos leitores característicos ou, ainda, a estratégia que constitui públicos leitores pelas especificidades constitutivas da publicação.” (Carvalho, M.M.C., Toledo, M.R.A. 2007, P. 95).

Essa materialidade pode ser observada no conjunto envolvido nas condições de produção de uma coleção, a partir da própria apresentação física dos livros. Nessa apresentação está inserida aspectos das escolhas realizadas por meio da organização interna de cada livro e que, se tratando do volume de uma coleção obedece a padronização estabelecida.

Parte da organização interna dos volumes em uma coleção de livros compõe o que é chamado aparelho crítico,

“Que tem como função ou a didatização da obra ou uma sofisticação de sua apresentação. Os prefácios, as notas do tradutor, os comentários de especialistas, introduzidos nos volumes auxiliam a homogeneização de apresentação dos textos em uma mesma coleção e, ao mesmo tempo, são um diferencial que acompanha a sua publicação. Um volume que pertence a uma coleção, que investe no aparelho crítico de apoio à leitura, é um produto único que oferece algo mais para o leitor, além do texto publicado.” (Toledo, 2001, p. 11).

Toledo retoma o caso francês descrito por Olivero em sua análise e por esse modelo podemos observar a composição dos textos em uma coleção e sua fórmula editorial, repetida em cada volume, em sua apresentação física. Na organização dos textos, como é comum em uma coleção, nota-se a adoção de um modelo para a edição dos livros, considerando que:

“A necessidade econômica de barateamento do livro é responsável por uma característica fundamental da produção de uma coleção: a sua padronização em termos de cobertura (capa, lombada, quarta-capa), de estrutura interna (estabelece-se um modelo ao qual os textos são submetidos) e das estratégias de divulgação. O editor vê-se dispensado de ativar uma rede de especialistas para a produção de cada um dos textos, estabelecendo um único padrão de edição, barateando os seus custos. A padronização obtida funcionará como dispositivo de produção da identidade e da unidade da coleção”. (Carvalho. Toledo, p. 93, 2007)³⁷.

Essa padronização é observado na apresentação física da coleção em estudo, que segue uma ordem na organização das páginas: ante página de rosto com o título, imagem igual da capa em preto e branco, o nome da coleção e o número do volume, no verso informações sobre a composição do governo de São Paulo e da fundação Memorial da América Latina; uma página de rosto com a imagem da capa em preto e branco, o nome do autor, o nome da coordenadora e as entidades parceiras na publicação com seus respectivos logotipos na ordem: Fundação Memorial, Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE e Secretaria da Educação/Governo de São Paulo; no verso os direitos autorais, ficha catalográfica e endereço da Fundação Memorial da América Latina como responsável pela publicação.

3.2 AS CAPAS

As capas dos volumes seguem o mesmo padrão, cada uma com uma cor, todas com uma faixa preta na parte superior com o nome da coleção na cor do restante da capa, uma imagem, o nome do volume, o nome do autor e o nome da coordenadora.

37 As autoras fazem referência nessa análise material do impresso aos estudos realizados por Isabelle Olivero: "Os dispositivos editoriais de produção dessa nova classe de impresso - a coleção - são identificados e analisados por Olivero. Partindo de seu estudo, pode-se compor um modelo de análise generalizável para além do caso francês por ela examinado. In: Cinco Estudos em História e Historiografia da Educação. Org Marcus Aurélio Taborda de Oliveira. Estudo 4 - Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. Marta Maria Chagas de Carvalho e Maria Rita de Almeida Toledo.

Na lombada, o nome do volume e o nome do autor e na quartacapa, o nome da coleção, o número do volume na coleção e as entidades envolvidas na publicação com seus respectivos logotipos. A seguir, as imagens de capas e contracapas da coleção:

Figura 1 - (Esquerda) – Capa do volume 1 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.

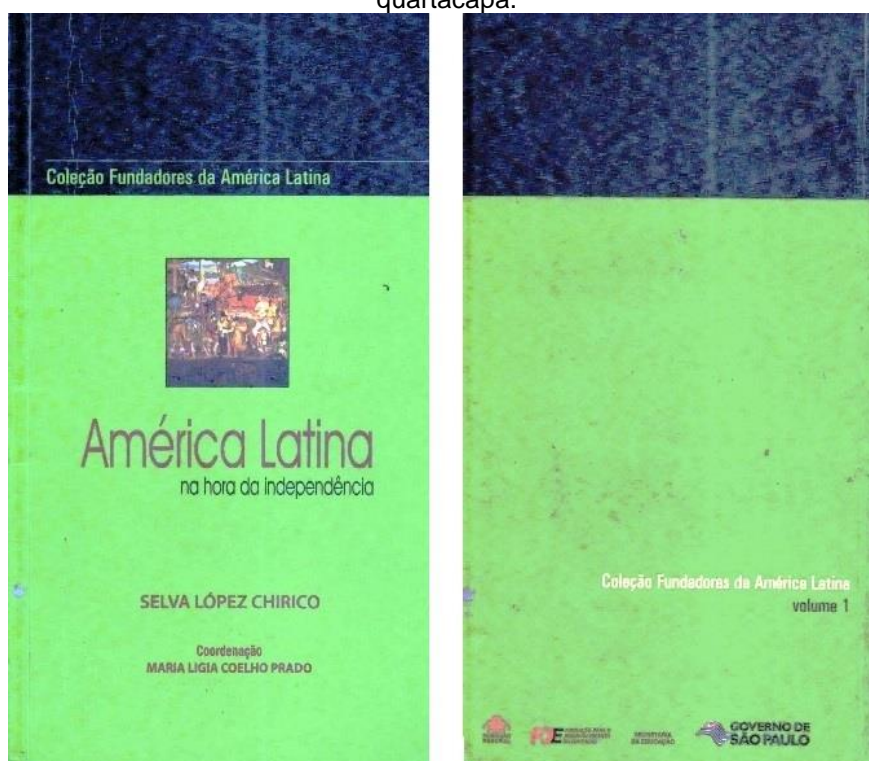


Figura 2 - (Esquerda) - Capa do volume 2 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.

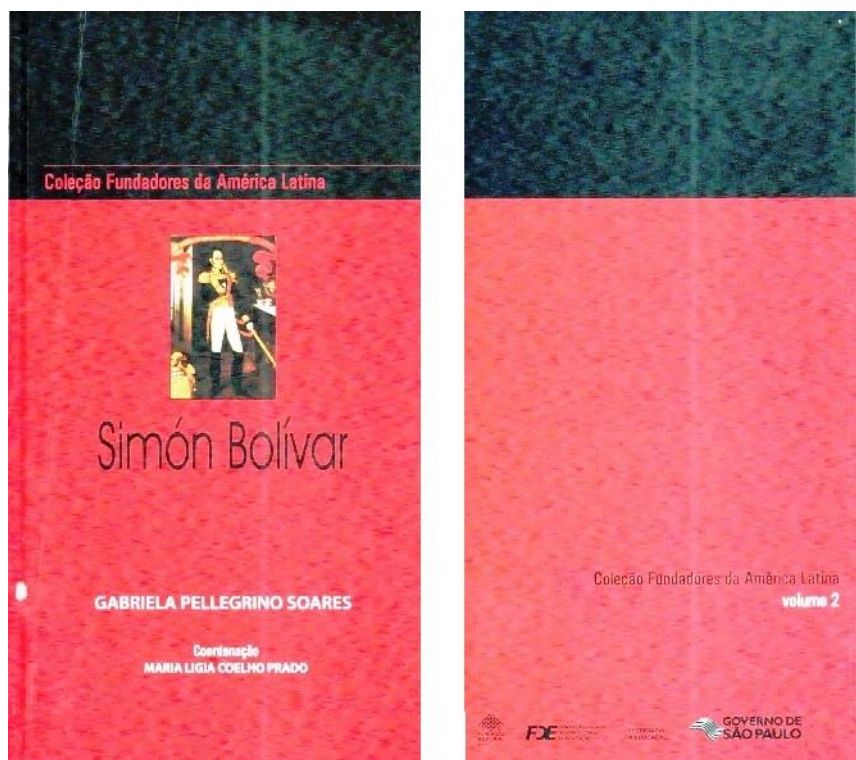


Figura 3 - (Esquerda) - Capa do volume 3 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.

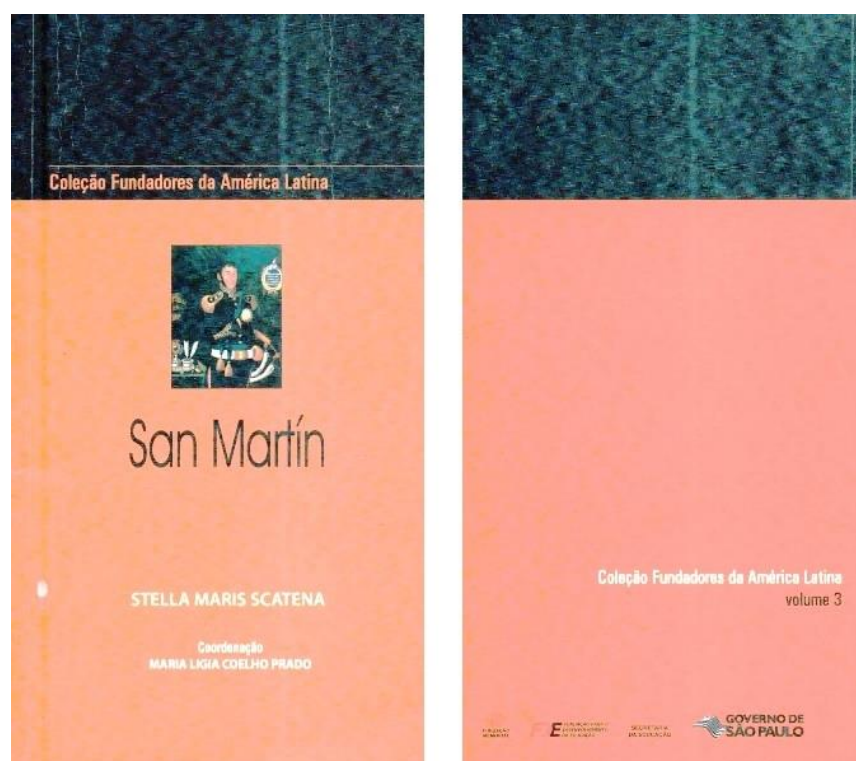


Figura 4 - (Esquerda) - Capa do volume 4 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.

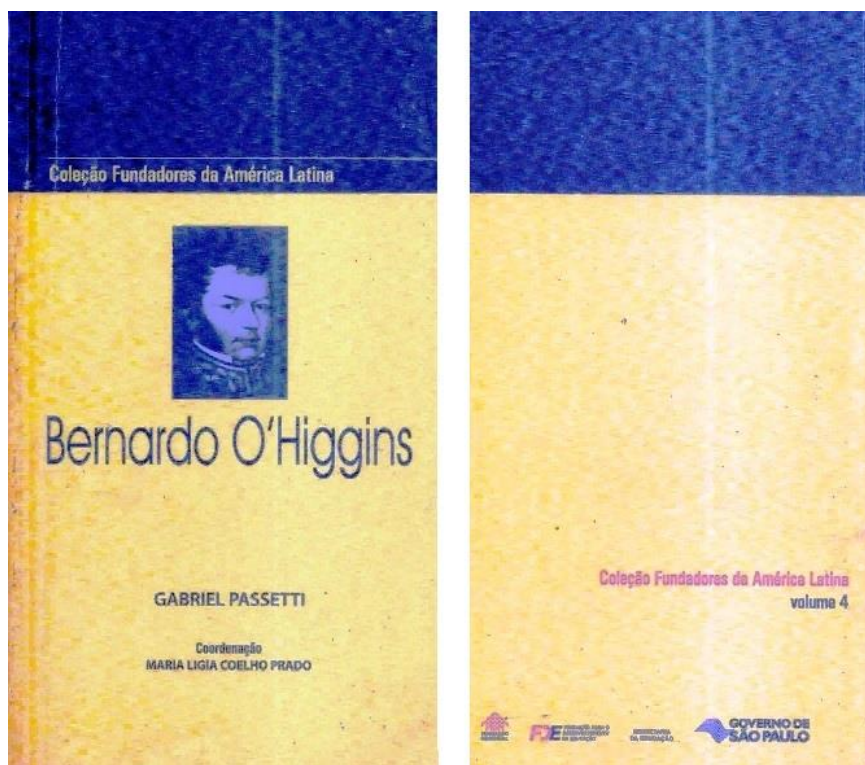


Figura 5 - (Esquerda) - Capa do volume 5 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.

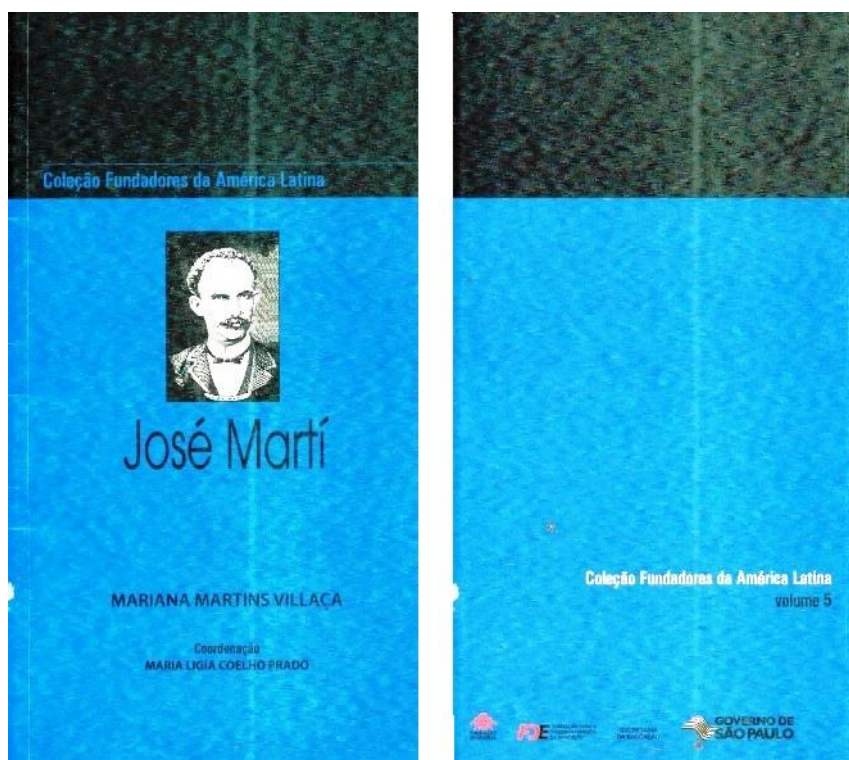
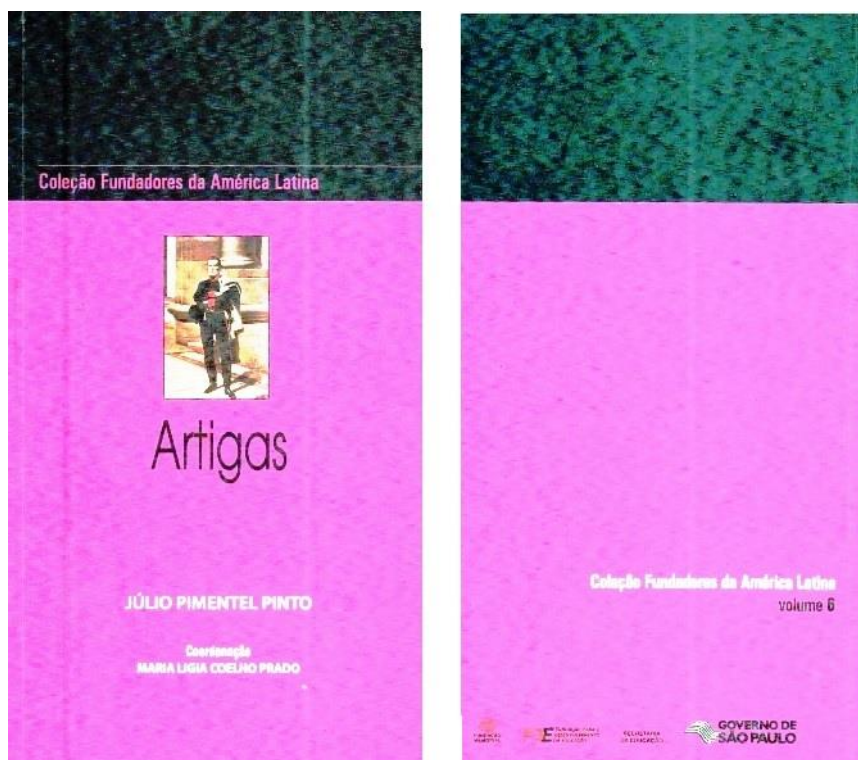


Figura 6 - (Esquerda) - Capa do volume 6 da Coleção Fundadores da América Latina; (Direita) - quartacapa.



Como se vê, a capa procura captar a fórmula biográfica da coleção, expondo, já de pronto, a imagem das figuras biografadas. Também procura colocar imagens canônicas dessas imagens, com exceção do primeiro volume, que difere também nesse aspecto, sendo ilustrado por um mural de Diego Rivera, famoso muralista mexicano, com a obra *O México Pré-Colonial e Colonial, 1942-1951*. No segundo e terceiro volumes da coleção, as imagens na capa, respectivamente Simón Bolívar e San Martín, são retratados por José Gil de Castro, conhecido pintor da Independência na América do Sul. O quarto e sexto volumes da coleção, tem as imagens de O'Higgins e Artigas, pintadas pelo célebre pintor uruguaio Juan Manuel Blanes. O quinto volume traz a imagem de Jose Martí de autoria anônima e sem data, conforme informações neste mesmo volume na página 42.

Também em todo o projeto de cobertura do livro são ressaltadas as referências simbólicas que legitimam o seu projeto: em primeiro plano – na capa - o nome da coordenadora da coleção, reafirmando o seu lugar de poder na coleção autoral que produz, sempre articulado ao nome da coleção. Já na quarta capa, em co-produção com a coordenadora, o os nomes institucionais que fizeram a coleção e a distribuem.

A ordem da leitura também está expressa na numeração dos volumes: deve-se começar pelo contexto geral para passar por Simon Bolívar, o mais conhecido entre as lideranças biografadas e muito provavelmente esse critério foi o definidor da ordem dos volumes, já que a ordem não é cronológica considerando a idade e período exato de atuação de cada liderança. Em seguida San Martín, Bernardo O'Higgins, Jose Martí e Artigas, numa ordem de leitura estabelecida pela numeração dos volumes na coleção conforme a divulgação dessas figuras históricas no Brasil. Esse périplo pelas figuras referencias das independências dos países Latinos Americanos constitui um lugar de memória fundamental no projeto editorial de Maria Lígia Prado.

3.3 ESTRUTURA DOS VOLUMES

A organização interna de cada volume é dividida em duas línguas, português e espanhol, com uma média de 110 páginas, conforme o seguinte padrão: os volumes possuem antepágina de rosto, com a imagem da capa em preto e branco, o título do texto, o nome da coleção, o número do volume. No verso desta dessa folha, dados do Governo do Estado de São Paulo e da Fundação Memorial da América Latina, responsáveis pela publicação.

Em seguida, página de rosto, com a imagem em preto e branco, o título do texto, o nome do autor do texto, o nome da coordenadora da coleção e as entidades responsáveis pela publicação. No verso desta folha os direitos do autor, a ficha catalográfica, que é a descrição bibliográfica de um texto publicado contendo o nome do autor, título do texto, local, casa publicadora, data da publicação. Informação obrigatória conforme a lei sancionada em 30 de outubro de 2003, a Lei Federal 10.753/03³⁸, art. 6º: "na editoração do livro, é obrigatória a adoção do número internacional padronizado, bem como a ficha de catalogação para publicação." Essa ficha é importante para localização das obras em uma biblioteca, no levantamento e organização bibliográfica de uma pesquisa, por exemplo, além de regular a produção livresca no país.

Os volumes dessa coleção são bilíngues, sendo a primeira parte em português e a segunda parte em espanhol com o intuito de divulgar a língua espanhola entre os

38 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.753.htm.

estudantes da rede municipal e ser um material possível de utilizar também nos Centros de Estudos de Língua - CEL - da rede estadual de ensino paulista, que também receberam a coleção Fundadores da América Latina pela SEE/SP, com tradução dos textos para o espanhol realizada por Cláudia Schilling.

Em 15 de agosto de 2005 foi sancionada a Lei nº 11.161, tornando obrigatória a oferta da língua espanhola no território nacional³⁹. Em São Paulo se inicia a discussão acerca da implementação da língua que só acontecerá em 2010 com a Resolução SE nº 5 de 14 de janeiro, quase esgotando o prazo dado pelo governo federal de 5 anos à partir da sanção da lei para implementação nos estados. O intuito dessa lei vem no bojo político de fortalecimento do MERCOSUL com um viés que não seja apenas econômico, mas que possibilite também maior integração entre os povos latino-americanos. Nesse sentido, a coleção Fundadores da América Latina ter edição bilíngue, muito provavelmente, vem no bojo das iniciativas de ensino de espanhol no país.

Para Libertad Borges Bittencourt, em artigo refletindo esse período, marcado pelo bicentenário das lutas de independência na América Hispânica, trata de contexto de retomada do diálogo entre historiografia e os projetos de memória construídos nesses dois séculos, sobretudo numa referência à vinculação entre os processos de independência e a construção do herói nas comemorações em torno do bicentenário das independências da América entre 2008 e 2010.⁴⁰

No livro 1 da coleção, sobre a independência das colônias latino-americanas, Selva Chirico, contextualiza a ameaça napoleônica à Península Ibérica a partir de 1807 e uma série de reações se intensificam nas lutas do continente americano, porém:

“Somente em 1810, quando a resistência na península parecia ter acabado e o retorno do rei muito longe de acontecer, uma nova onda de juntas locais manifestou uma tendência clara ao governo autônomo, e em muitos lugares uma definição inclusive independentista. Iniciava-se ali o processo de libertação das colônias, o qual não foi linear, teve muitos altos e baixos, e reiniciado várias vezes antes de alcançar seus propósitos.” (Chirico, 2008, p. 33)”.

39 <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/3785-sp-309678802>

40 Bittencourt, Libertad Borges. Revisitando o passado – uma perspectiva sobre a identidade nacional nas celebrações das Independências na América Hispânica (2008-2010) – 9º Encontro Internacional da ANPHLAC – 26 a 29/07/2010 – Universidade Federal de Goiás – Faculdade de História.

Esse período de produção da coleção coincide com as preparações em torno do bicentenário das independências latino americanas, assim, seu ritmo de produção, dado entre a encomenda dos textos e a sua publicação é marcado em todo o continente por celebrações e solenidades em torno do bicentenário das independências latino-americanas.

3.4 A APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO POR MARIA LIGIA PRADO

Essa apresentação da Professora Maria Ligia Prado demonstra sua preocupação em divulgar a História da América Latina para o público escolar e esse texto acompanha todos os volumes da coleção.

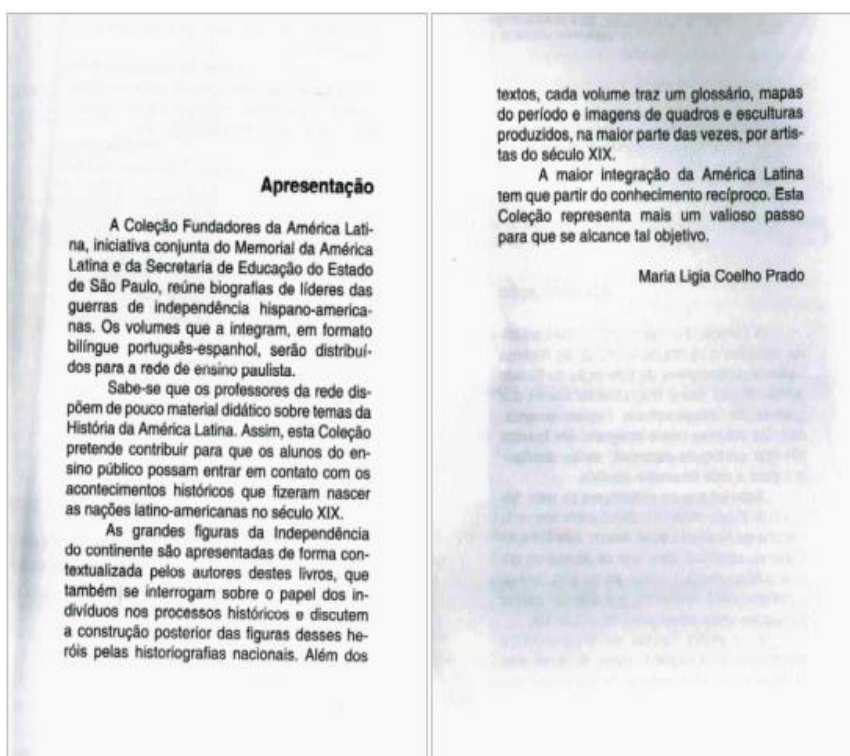
Indica também seu público destinatário: "sabe-se que professores da rede dispõe de pouco material didático sobre temas da História da América Latina (...) em seguida "pretende contribuir para que os alunos do ensino público possam entrar em contato com os acontecimentos históricos..." - Fig. 9.

E a apresentação dessas figuras de forma contextualizada, problematizada nas construções posteriores das historiografias nacionais, numa perspectiva crítica, questionando as apropriações posteriores por grupos políticos.

No terceiro parágrafo podemos observar a tônica que é dada ao tratamento das biografias presentes nesta coletânea e que orienta o projeto editorial no questionamento de suas atuações e construções historiográficas em cada país, considerando a complexidade do contexto de uma vida⁴¹, como acontece com as biografias representadas nesta coletânea.

⁴¹ Ver: Dosse, Françoise. *Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2009.

Figura 7 - Apresentação da Coleção Fundadores da América Latina escrita por Maria Ligia Prado.



3.5 OS SUMÁRIOS

Os sumários dos livros foram organizados de maneira muito similar, com as principais divisões dentro da mesma fórmula, porém com diferenças bem marcadas no primeiro e sexto volumes. Na organização dos volumes, do segundo ao quinto, seguiu-se o mesmo padrão, com pequenas alterações de um para o outro do segundo ao sexto volume: os volumes 2 e 3 (fig.11 e 12 a seguir), tem a estrutura idêntica, ambas referindo-se às personagens históricas que biografam como "o libertador em ação na América" - em 4 capítulos, dos primeiros passos à construção da memória do herói.

No volume 4 (fig. 13), bem similar na estrutura do texto, organizado em 4 capítulos, em que a personagem histórica biografada é chamada de filho do Vice-Rei e comandante contra os espanhóis, também problematizando a sua construção histórica. No livro 5 (fig. 14), mesma estrutura dos anteriores é mantida, em 4 capítulos, do surgimento da liderança à construção da memória do herói, chamado de poeta combatente.

No sexto volume, porém, sem alterar a estrutura de organização do surgimento da personagem histórica ao ser chamado libertador, como nos volumes 2 e 3, também questiona sua construção posterior: "o libertador: mito ou história" (fig.15), organizado em 6 capítulos.

O primeiro volume (fig. 10) é o que mais difere da estrutura textual dos demais, trazendo o contexto geral das independências no continente e pautando também, países que não entraram no recorte do projeto editorial da coleção como Haiti e México e a coleção tratou das independências na América do Sul na primeira metade do século XIX e Cuba, na segunda metade do século XIX, priorizando também países de colonização espanhola.

Figura 8 - Sumário do volume 1 da Coleção Fundadores da América Latina.

Sumário	
Introdução	9
1. A independência latino-americana no ciclo das revoluções ocidentais	13
2. A herança colonial	19
3. O processo de independência	29
3.1 – Haiti: primeira república negra do mundo	30
3.2 – A independência das colônias latino-americanas	32
3.2.1 – A independência da Nova Espanha (México) e da América Central	34
3.3. – A independência da América do Sul	40
Conclusão	47
Glossário	49
Imagens	54
Bibliografia	109

Figura 9 - Sumário do volume 2 da Coleção Fundadores da América Latina.

Sumário	
Introdução	9
1. Os primeiros passos de Simón Bolívar	13
2. O libertador em ação na América	19
3. Depois da independência	33
4. A construção da memória do herói	37
Glossário	41
Imagens	44
Bibliografia	89

Figura 10 - Sumário do volume 3 da Coleção Fundadores da América Latina.

Sumário	
Introdução	9
1. Os primeiros passos de San Martín	13
2. O libertador em ação na América	17
3. Depois da independência...	31
4. A construção da memória do herói	33
Glossário	41
Imagens	46
Bibliografia	93

Figura 11 - Sumário do volume 4 da Coleção Fundadores da América Latina.

Sumário	
Introdução	9
1. O Chile em que Bernardo O'Higgins nasceu e cresceu	11
2. De filho do Vice-Rei a comandante contra os espanhóis	17
3. Lutas, disputas e intrigas após a vitória criolla	25
4. Diferentes formas de se ver as lutas e os personagens da independência	31
Glossário	39
Imagens	42
Bibliografia	85

Figura 12 - Sumário do Volume 5 da Coleção Fundadores da América Latina.

Sumário	
Introdução	9
1. A formação do "poeta combatente"	13
2. Martí nas "entranhas do Monstro"	17
3. A morte e os frustrados sonhos de independência	25
4. A construção da memória de Martí	31
Glossário	39
Imagens	43
Bibliografia	85

Figura 13 - Sumário do volume 6 da Coleção Fundadores da América Latina.

Sumário	
Introdução	9
1. Artigas, herói uruguaio?	11
2. A Banda Oriental antes da independência	13
3. Nos tempos da independência	23
4. Um líder rural: o federalismo de Artigas	29
5. Derrota e exílio	37
6. O libertador: mito e história	41
Glossário	45
Imagens	48
Bibliografia	99

3.6 GLOSSÁRIOS

Os livros da coleção são acompanhados de um glossário com expressões que são incomuns aos estudantes do ensino básico, porém, um indicativo de que a coleção é voltada para este público leitor: os alunos da escola pública estadual. No caso desta coleção não se trata apenas de um glossário de palavras desconhecidas para um leitor leigo, mas, expressões e conceitos trabalhados nos livros e que integram o vocabulário do período e do conjunto de acontecimentos e atores envolvidos no processo histórico da colonização espanhola e lutas emancipacionistas no continente americano. Esses conceitos podem contribuir nas aulas, sendo elaborados de maneira sucinta e didática e como podemos observar na descrição a seguir, alguns se repetem em vários volumes:

No volume 1, as expressões que aparecem no glossário são: Plantation, Casta, Girondinos, Jacobinos, Reformas Burbônicas, Ilustração/Iluminismo, Ideias francesas, Liberalismo, Criollos, Peninsulares, Cabildos, Exército Realista, Monopólio, Vice-Reinos, Oligarquia, Despotismo Ilustrado e Obrajes.

No volume 2, os conceitos expressos no glossário são: Perspectivas Estruturalistas, Ilustração/Iluminismo, Ideias Francesas, Liberalismo, Criollos, Peninsulares, Cabildo, Exército Realista, Llaneros e Vice-Reinos.

No volume 3, os conceitos expressos no glossário são: Nação, Identidade Nacional, Teleologia, Vice-Reinos, Antigo Regime, Trabalho compulsório, Ilustração/Iluminismo, Liberalismo, Criollos, Peninsulares, Cabildo, Exército Realista, Caudilhos e Tributos Indígenas.

No volume 4, as expressões trazidas pelo glossário são: Maçonaria, Ilustração/Iluminismo, Liberalismo, Criollos, Peninsulares, Cabildo, Exército Realista, Vice-Reinos.

No volume 5, os termos no glossário: Expansionismo dos E.U.A., Imperialismo, Independência do Haiti, Liberalismo, Mambises e Modernismo Hispano-americano.

No volume 6, os conceitos presentes no glossário são: Alcalde Provincial, Armistício, Asilo Político, Banda Oriental, Caudilho, Contenda, Federalistas, Índios Coletores, Milícia, Redução, Vaquería, Unitários e Triunvirato.

Nas expressões que se repetem nos glossários, o conceito descrito é idêntico em todos os livros e foram compilados por uma equipe na FDE – Fundação de Desenvolvimento para a Educação – entidade que fez a editou, imprimiu e distribuiu os livros, segundo dados na penúltima página da coleção junto às informações técnicas de editoração e tiragem.

3.7 OS VOLUMES DA COLEÇÃO

Uma breve descrição dos volumes nos indica que as orientações presentes na apresentação já descrita, na produção de uma história contextualizada e em sua apresentação física, por meio do padrão adotado no visual e organização interna dos livros. A coleção é de fácil leitura, tendo textos curtos, com aparatos didáticos que indicam que são livros voltados para os estudantes, como a presença de um glossário em cada volume, por exemplo. No entanto, cada escola de ensino médio recebeu uma coleção, com seis livros, o que não é suficiente para o trabalho em sala de aula, que tem em média 35 alunos por sala, dificultando a utilização. Apesar da alta tiragem para um impresso paradidático, ainda não é suficiente para um trabalho efetivo com esse material, pois cada escola conta com uma coleção ou duas, ainda, em alguns casos,

com distribuição irregular, como encontrei em uma das escolas onde trabalhei, em que havia seis livros do mesmo volume e não chegaram os outros.

A falta de um encarte apresentando os livros para os professores ou qualquer meio de divulgação que fizesse com que os professores conhecessem os livros e até mesmo a falta de formação contínua entre a Secretaria de Educação por meio de suas Diretorias de Ensino e o corpo docente do estado é um obstáculo para a ampliação da utilização dos materiais impressos com financiamento público que chega às escolas, além da falta de diálogo com o currículo, nas possíveis indicações de materiais pedagógicos complementares como, no caso, de livros paradidáticos que compõe um acervo escolar, mas nem sempre é utilizado, estudado, lido, manuseado como deveria, virando depósito empoeirado em salas de leitura das escolas.

Sobre o conteúdo dos volumes:

O primeiro volume com capa verde, é ilustrado com uma imagem de um mural de Diego Rivera e intitulado “América Latina na hora da Independência” e escrito por Selva López Chirico. O livro traz um contexto em que se desenvolveram as lutas por independência das colônias espanholas na América:

“Este trabalho tem como intenção tornar mais fácil de entender a trajetória das figuras referidas nesta coletânea, projetando-as sobre o conjunto dos acontecimentos históricos nos quais suas ações se inscrevem. Focada nos “fundadores” da América Latina, escolhemos voltar ao momento da independência porque lá aparecem várias figuras destacadas que as mesmas nações que nascerão do processo reconhecem como fundamentais no início de sua formação”. (López Chirico, p.9, 2008).

Esse primeiro volume é o que mais se difere dos outros volumes da coleção, trazendo um recorte sobre as lutas de independência no continente americano, seu processo de emancipação e formação dos Estados Nacionais no século XIX nas ex-colônias espanholas. Os outros volumes, do 2º ao 6º, embora tratem do mesmo período, tem um cunho biográfico, retratando figuras históricas que se destacaram nas lutas de independência do continente americano.

Na mesma padronização de organização interna dos outros livros, difere na autoria, pois a autora foi convidada diretamente pela Fundação Memorial, entidade onde já tinha feito outros trabalhos. Na introdução desse volume, a autora comenta o recorte geográfico escolhido para esta coleção, explicando que o Brasil não entraria

por ter sido objeto de exame em uma coleção anterior, publicada em 2006, “Coleção Fundadores da Nação”⁴².

O segundo volume de capa vermelha, intitulado “Simón Bolívar”, traz sua imagem sua na capa⁴³. É escrito por Gabriela Pellegrino Soares, trata da participação militar e política de Bolívar “no processo de emancipação das colônias espanholas na América do Sul” (Soares, p.9, 2008). Esta parte apresenta a trajetória do líder latino americano e suas articulações com diferentes grupos no continente americano em torno da pauta emancipacionista.

O terceiro volume, “San Martín”, de capa cor de laranja com a imagem dessa personagem histórica⁴⁴, escrito por Stella Maris Scatena. A atuação deste líder nas lutas por independência na América do Sul é pautada junto a um conjunto de considerações: “trata-se de um personagem de suma importância para a América do Sul e é de extremo interesse não só o conhecimento de sua vida, mas também das histórias elaboradas em torno de sua figura” (Scatena, p.11, 2008). Um contexto que discute sua trajetória e as construções historiográficas posteriores, ao mesmo tempo em que questiona o lugar de herói na história: “no caso de San Martín, a construção de sua imagem como um herói nacional teria sido motivada por interesses políticos e ideológicos muito claros, sustentados por grupos diversos em momentos diferentes da história” (Scatena, 2008, p. 10).

“Bernardo O’Higgins” é abordado no quarto volume com sua imagem na capa⁴⁵. Escrito por Gabriel Passetti, pauta a história chilena pela trajetória de formação dessa personagem e aborda o processo de emancipação do país e suas articulações em torno da independência.

O quinto volume⁴⁶, de capa azul, sobre “José Martí” é escrito por Mariana Martins Villaça. Ela conta a história deste “poeta combatente” e de sua luta no processo de independência de Cuba, na segunda metade do século XIX,

42 Coleção Fundadores da Nação; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 2006. Coleção composta por cinco volumes. Essa coleção já foi apresentada no primeiro capítulo.

43 A foto na capa é uma reprodução da pintura de José Gil de Castro, conhecido pintor da Independência na América do Sul. In: <http://www.mnba.cl/gildecastro/662/w3-article-48888.html>

44 Reprodução da pintura de José Gil de Castro, 1818.

45 Retrato de Bernardo O’Higgins - atribuído a Juan Manuel Banes - célebre pintor uruguaio. In: <http://mnav.gub.uy/cms.php?a=1>

46 Com a imagem de José Martí na capa, sem data e de autor anônimo. Informação sobre a imagem na página 42 do livro 5 da coleção.

“Considerado herói nacional: muitos de seus poemas, frases célebres e retratos estão espalhados pela Ilha, pois ele se tornou um símbolo inspirador da luta e da resistência de um pequeno país frente ao colonialismo espanhol e ao expansionismo norte-americano.” (Villaça, p. 09, 2008).

O sexto volume da Coleção, com capa lilás⁴⁷, é sobre “Artigas”. Escrito por Júlio Pimentel Pinto, traz a história deste líder que lutou pela independência do Uruguai, defendendo direitos para os diferentes setores da sociedade sem abrir mão de “implantar uma organização de princípios democráticos, que assegurasse absoluta liberdade comercial e que incluísse política e economicamente mestiços, negros e índios” (Pinto, p.34, 2008).

Cada livro traz uma liderança que no conjunto da coleção é possível se conhecer o processo de emancipação e formação das nações do continente americano, como preconiza Maria Ligia Prado na apresentação da coleção, se referindo a necessidade que os estudantes da escola pública entrem em contato com esses acontecimentos históricos.

3.8 A ELABORAÇÃO DOS LIVROS – CONFIGURAÇÃO DE UM GRUPO DE AUTORES

Os autores imprimem ao projeto editorial desta coleção, junto à coordenação, suas próprias trajetórias de pesquisa em América Latina, à medida que trabalham com uma perspectiva de História da América Latina que é questionadora. Ainda que de forma breve, objetivei contribuir para a compreensão do projeto da coleção, indicando que na análise que realizei, percebi que os autores e a coordenação imprimem na coleção a perspectiva de uma história problematizada num processo de apropriação da fórmula editorial - que exalta os "Fundadores" - na condição de heróis -, advindas das orientações do Governo de São Paulo. Essa apropriação transforma a exaltação dos heróis em atuação dessas figuras em um contexto junto a outros atores e grupos que participaram do processo de independência que os livros tratam. Nota-se um diálogo com o público que procura apresentar uma história contextualizada da atuação dessas figuras.

47 Retrato e Juan Manuel Blanes: Artigas em la Ciudadela, 1884.

Essa preocupação com o público leitor na elaboração dos textos integra uma opção editorial que parte da coordenação e, em conjunto com os autores, investe em uma intervenção cultural⁴⁸ para a circulação de uma história/historiografia problematizadora da América Latina por via desse impresso e das mediações que se realizam na obra. Essa intervenção perspectivada é evidente desde a apresentação:

“As grandes figuras da Independência do continente são apresentadas de forma contextualizada pelos autores destes livros, que também se interrogam sobre o papel dos indivíduos nos processos históricos e discutem a construção posterior das figuras desses heróis pelas historiografias nacionais.⁴⁹”

Vários autores exercem um papel decisivo nesta coleção em estudo partindo da importância que seus nomes imprimem ao texto. Sobre configuração de grupos de autores de uma coleção, Fábio Franzini, em um de seus artigos sobre estudo de coleção⁵⁰, exemplifica a importância que nomes de peso em determinada área de pesquisa empresta a cada volume e ao conjunto da coleção, notoriedade e prestígio. De sua pesquisa, nomes dos autores que integraram a Coleção Documentos Brasileiros:

“Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Octávio Tarquínio de Sousa, Afonso Arinos de Melo Franco e Pedro Calmon; Luis Viana Filho, João Camilo de Oliveira Torres e Lúcia Miguel-Pereira; Francisco de Assis Barbosa, Luís da Câmara Cascudo E Afonso d'Escragnolle Taunay. Não se trata de um time de futebol, é evidente, mas nem por isso esses nomes deixam de formar uma seleção: uma seleção de autores, que, longe de se limitar aos 11 citados, deu forma e vida a um dos mais marcantes projetos editoriais brasileiros e que, ao fazê-lo, muito contribui para mudar as formas de escrever, ler e pensar a história entre nós - a Coleção Documentos Brasileiros, da Livraria José Olympio Editora.” (Franzini, 2013, p.25, 26).

A coleção analisada por Franzini tem seu contexto datado entre as décadas de 30 e 50, considerando as transformações na historiografia nacional e os principais pesquisadores no campo, nomes que abrilhantavam a Coleção Documentos Brasileiros que tomamos aqui como exemplo para observação da seleção de autores

48 Referência à dupla intervenção presente no conceito de materialidade do impresso com referências aos trabalhos de Carvalho, M.M.C, Toledo, M.R.A. e Roger Chartier.

49 Excerto do texto de apresentação da coleção presente em todos os livros e escrito por Maria Ligia Prado.

50 FRANZINI, Fábio. Escrever textos, editar livros, fazer história: a coleção documentos brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1960). Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v.5, n.9, jan./jun.2013. p. 24-45.

especialistas em um campo de conhecimento. Seus próprios nomes imprimem uma marca, como um selo de qualidade aos textos impressos em uma coleção de livros.

Tomando esse estudo como modelo para analisar a escolha de autores no contexto da coleção Fundadores da América Latina, na primeira década do século XXI, e como resultado de políticas e estratégias editoriais, podemos constatar a configuração de uma seleção de teóricos que estão entre os principais pesquisadores em História da América, tanto pela pujança de suas produções historiográficas, quanto por suas atuações em defesa da ampliação de pesquisa na área e na atuação em prol da divulgação e consolidação do campo de pesquisa ligado a América Latina.

Na coleção Fundadores da América Latina, verificamos que, de fato, esse conjunto de livros reúne uma seleção de autores que tem em comum, uma trajetória de pesquisa em América Latina, com histórico em comum de formação e docência na Universidade de São Paulo, atuação no Laboratório de estudos de História das Américas - LEHA e na Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas - ANPHLAC, ambas entidades com sede na USP e relevante uma breve apresentação para compreensão do contexto em comum na configuração desse grupo de autores.

3.9 A USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E A PESQUISA EM AMÉRICA

A USP é uma universidade pública do estado de São Paulo, criada em 1934. Com alta reputação acadêmica, considerada umas das principais universidades brasileiras, entre as melhores da América Latina⁵¹, “o talento e dedicação dos docentes, alunos e funcionários têm sido reconhecidos por diferentes rankings mundiais, criados para medir a qualidade das universidades a partir de diversos critérios, principalmente os relacionados à produtividade científica.”⁵²

Os coordenadores das duas coleções publicadas pelo Governo do Estado de São Paulo entre 2006 e 2008, Carlos Guilherme Mota e Maria Lígia Prado são oriundos desta universidade em suas formações e como professores pesquisadores. Situação que se repete em relação ao grupo de autores convidados por ambos para

51 <https://jornal.usp.br/institucional/usp-e-a-melhor-universidade-brasileira-da-america-latina-segundo-rankings/>.

52 <https://www5.usp.br/institucional/a-usp/>.

a autoria dos volumes que compõe as coleções. Essa origem na Universidade de São Paulo confere às coleções autenticidade e prestígio junto a seu público leitor formado pela comunidade escolar, estudantes e professores do Ensino Básico.

Os autores da Coleção Fundadores da América Latina, convidados por Maria Ligia Prado tem em comum ainda a atuação no Laboratório de estudos de História das Américas - LEHA - que desempenha importante papel no fomento, divulgação e intercâmbio de estudos no campo, além de congrega professores, pesquisadores e estudantes.⁵³

3.10 A ANPHLAC - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES E PROFESSORES DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS

Os autores reunidos nessa coleção a convite de Maria Ligia Prado também reúnem esse traço de atuação em comum tratando-se da configuração de grupo que pautamos aqui, na composição da Coleção Fundadores da América Latina, acerca da participação nessa entidade, a ANPHLAC.

A ANPHLAC é uma entidade fundada em 1993, nos marcos do encontro de Mariana - na Universidade Federal de Ouro Preto, com a presença de cerca de 80 participantes, reunindo professores e pesquisadores em História da América. A iniciativa surge da preocupação de estudiosos que diagnosticavam uma certa marginalidade do tema nas pesquisas acadêmicas no Brasil. Para projetar a importância dos estudos desse campo, durante a década de 80, se organizaram criando um Comitê Nacional de Pesquisadores e Professores de História da América Latina e Caribe (CONAPHLAC) que, por sua vez, organiza o encontro em que foi fundada a ANPHLAC⁵⁴:

“Em janeiro de 1993, o então CONAPHLAC organizou um encontro na Universidade de Ouro Preto, Campus de Mariana, já com a participação de um maior número de professores e pesquisadores representativos de grande parte das regiões brasileiras, quando foi decidido, por unanimidade, a criação de uma Associação Científica para tratar, exclusivamente, das questões pertinentes aos estudos e pesquisas latino-americanas. Foi, então, criada a “Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha” – ANPHLAC.⁵⁵”

53 <http://leha.fflch.usp.br/node/22>.

54 <http://anphlac.fflch.usp.br/ensino-apresenta%C3%A7%C3%A3o>

55 Da página na ANPHLAC: <http://anphlac.fflch.usp.br/>

A página virtual que a entidade mantém é uma importante ferramenta de pesquisa para diversos temas relacionados à América Latina, além de ser portadora de todo o histórico de organização da entidade e de pesquisas científicas sobre América Latina. Essa página também pode ser utilizada como significativo suporte no Ensino de História, pois concentra um acervo didático organizado por temáticas, períodos e acontecimentos que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem na sala de aula. Por isso mesmo, é difícil separar a iniciativa da coleção em divulgar o conhecimento sobre o continente das práticas da Professora Maria Lígia Prado, uma das fundadoras da ANPHLAC e militante em difundir materiais didáticos para as escolas.

Observa-se, no histórico de organização dessa entidade que a produção sobre América Latina é bem reduzida até os anos 80, quando se inicia um ciclo de produção historiográfica sobre a História da América Latina - avanço que acontece concomitante com a ampliação dos programas de Pós-Graduação nas universidades brasileiras na perspectiva de que,

“O pensamento produzido nos demais países do continente é um rico e abundante manancial no qual a intelectualidade brasileira precisa se inserir para melhor responder aos desafios teóricos e práticos que o momento brasileiro coloca. Instigado pela diversidade histórica, étnica e cultural, bem como pelas migrações e diásporas, esse pensamento tem realizado notáveis avanços no estudo e na compreensão de questões econômicas, sociais, políticas e culturais, que o Brasil só conhece de modo parcial e insuficiente. Os estudos latino-americanos, caribenhos e americanistas, num sentido continental, são condição indispensável para abrir caminho a um intercâmbio acadêmico e intelectual mais efetivo, do qual o Brasil só poderá se beneficiar.⁵⁶”

Nesse sentido, a atuação da ANPHLAC desenvolve diversas atividades de pesquisa e divulgação científica promovendo o fomento à pesquisa na área em parceria em alguns projetos com agências de pesquisa como CNPQ e CAPES⁵⁷, mantendo uma importante plataforma que concentra um acervo de pesquisas sobre América com a finalidade de incentivar práticas de pesquisa sobre a América Latina e

56 Página da ANPHLAC: <http://anphlac.fflch.usp.br/>.

57 CNPQ- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e CAPES: Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. São agências vinculadas ao Ministério da Educação - MEC.

Caribe e uma revista periódica digital - Revista Eletrônica da ANPHLAC⁵⁸, além de publicações impressas. Tem sede física na Universidade de São Paulo - no LEHA/USP.

3.11 SOBRE OS AUTORES DA COLEÇÃO FUNDADORES DA AMÉRICA LATINA

Selva Chirico

A participação dessa autora no projeto editorial desta coleção se diferencia dos outros autores na configuração de grupos que indicamos aqui, prática comum na produção de coleções. Sua participação, como já indicado mais de uma vez, se deu a convite direto da Fundação Memorial, que já estava em contato com a autora por sua participação na Revista Nossa América, impresso periódico produzido pela Fundação Memorial. Chirico tem uma trajetória diferente da trajetória dos outros autores que tiveram formação na Universidade de São Paulo, convidados por Maria Ligia Prado e com atuação na ANPHLAC.

Em sua trajetória de formação, Chirico teve seus estudos realizados no Uruguai, México e Brasil, realizando seu doutorado na UNICAMP/SP, em Ciências Sociais. Foi professora da Universidade Federal de Santa Maria/RS e atualmente, é Professora no Mestrado em Didática da História no Centro Latino Americano de Economia Humana (CLAEM), no Uruguai.

Gabriela Pellegrini Soares

Gabriela Pellegrino Soares é autora do livro 2, intitulado Bolívar, é Professora Livre-Docente de História da América Independente na Universidade de São Paulo - USP, coordenadora do LEHA/USP (Laboratório de Estudos de História das Américas), coordenadora do curso de História da USP e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História Social.

Gabriela Pellegrino teve sua formação em História realizada em sua maior parte na USP. A graduação, o mestrado e doutorado foram concluídos sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Ligia Prado, com quem teve parceria também em outras publicações como a História da América Latina, publicada pela Editora Contexto em 2014. Por

58 Em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac>.

ocasião da divulgação desta publicação, em uma entrevista coletiva com as duas autoras, comentaram sobre a preocupação com uma escrita apropriada para o ambiente escolar, com o Ensino de História e mesmo com a popularização da História, com a produção de livros feitos com a seriedade científica com uma linguagem acessível a diversos públicos leitores.⁵⁹

Sua Livre Docência foi obtida em 2014, na USP, com o título - Escrita e edição em fronteiras permeáveis. Mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do século XX). o ano de obtenção do título foi 2014. Este trabalho foi publicado em livro impresso pela editora Intermeios em 2017.⁶⁰

A autora tem em comum na configuração desse grupo de autores que integram a Coleção Fundadores da América Latina, além da parceria com a professora Maria Ligia em diversos trabalhos, também a atuação na ANPHLAC, integrando o corpo editorial de sua Revista Eletrônica de 2004 a 2006.

Atualmente, a autora, além das atividades como professora, se dedica a pesquisa em diversos temas da História Política e Cultural da América Latina sobre os séculos XIX e XX. Pellegrino é integrante do corpo editorial da Revista Brasileira de História, da Associação Nacional de História (ANPUH) e é colaboradora da UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo - Fundação Padre Anchieta/TV Cultura).

Stella Maris Scatena Franco

Stella Maris Scatena Franco é autora do livro 3 da Coleção: San Martín -um dos libertadores na América do Sul. Sua construção como libertador é contextualizada, trazendo questionamentos de uma história crítica realizada pela historiografia contemporânea.

“Isso significa dizer que podemos entender a história de San Martín a partir de duas dimensões: uma é sua própria vida, seus caminhos, em suma, sua biografia. A outra é o que foi escrito sobre ele. Por essa dimensão, que chamamos de historiográfica, busca-se entender como e com quais intenções

59 Entrevista das Professoras Maria Ligia Prado e Gabriela Pellegrino sobre a publicação do livro História da América Latina no youtube, em: <https://www.youtube.com/watch?v=s0J2PLjxt4>.

60 SOARES, G. P.. Escrita e edição em fronteiras permeáveis. Mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX).. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2017. v. 1. 2010p .

suas foi apropriada e utilizada por historiadores, servindo muitas vezes a fins políticos.” (SCATENA, p.10, 2008).

Stella Maria Scatena realizou seus estudos acadêmicos na Universidade de São Paulo, sendo orientanda de Maria Ligia Prado no Doutorado com a pesquisa - *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX* e, também no mestrado, com a pesquisa - *Luzes e Sombras na construção da Nação Argentina: os manuais de História Nacional (1868-1912)*, ambas publicadas. Stella Maris Scatena teve intensa parceria com a Professora Maria Ligia em diversos e variados trabalhos, envolvendo linhas de pesquisa em História da América Latina, gênero, cultura e política. Além de ter, nessa área, uma extensa produção historiográfica em torno de questões da História latino-americana.

É professora Livre Docente do departamento de História da Universidade de São Paulo, onde coordena o Grupo de Pesquisa em História e Gênero. Integrou a diretoria da Associação Nacional de Professores e Pesquisadores em História das Américas - a ANPHLAC, gestões 2009-2010 e 2015-2016. A autora é membro do Laboratório de Estudos de História das Américas - LEHA.⁶¹

Gabriel Passetti

O autor do livro 4 - sobre Berdardo O'Higgins - teve seu percurso acadêmico da graduação em História à Livre Docência na Universidade de São Paulo - USP. Gabriel Passetti é, atualmente, professor de História das Relações Internacionais na Universidade Federal Fluminense - UFF. Além de participar de pesquisas em História das Américas, Contemporânea, Política Externa e Relações Internacionais, investiga a participação política de povos nativos da América.

Além de sua intensa atuação ligada à História da América, reúne características da configuração do grupo de autores da Coleção Fundadores da América Latina, como a ligação com a Professora Maria Ligia, como aluno e orientando no mestrado com a dissertação - *Indígenas e crioulos: política, guerra e traição nas lutas no Sul da Argentina (1852-1885)* - que foi publicada em livro em 2012 pela editora Alameda. No doutorado, também com a orientação da Professora Maria Lígia, desenvolveu a tese - *O mundo interligado: poder, guerra e território nas lutas na Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885)*.

61 <http://historia.fflch.usp.br/docentes/stellamaris>

Passeti também coincide com outros autores da coleção em estudo, na participação institucional junto à ANPHLAC. Atualmente, nosso autor é Editor Executivo da Revista eletrônica da entidade, na qual atua desde 2008. Para além destes feitos, produziu diversos artigos, capítulos em livros e trabalhos publicados materialmente e no meio digital.

Mariana Villaça

Mariana Martina Villaça é autora do livro 5. Este livro aborda José Martí. Esta estudiosa tem extensa produção na área de História da América Latina e intensa participação em espaços de debate e pesquisa sobre o tema. Neste trabalho, a autora coloca os acontecimentos que tornaram José Martí herói da independência cubana, apresentando o contexto cubano e a relação com a metrópole espanhola e com o expansionismo norte-americano na região, pautando também sua destacada atuação como jornalista, tradutor, poeta e autor de uma vasta obra.

A autora teve seus estudos realizados na Universidade de São Paulo, sendo orientanda de Maria Helena Capelatto⁶² que, por sua vez, tem longa parceria com a Professora Maria Ligia Prado e é fundadora da ANPHLAC. Mariana Villaça recebeu Prêmio História Social: série teses com suas duas pesquisas de Pós-Graduação, no doutorado com o título: O Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficos (ICAIC) e Política Cultural em Cuba (1959-1991) e no mestrado com o trabalho Tropicalismo (1967-1969) e Grupo de experimentación Sonora (1969-1972): engajamento e experimentalismo na canção popular no Brasil e em Cuba. Obteve Pós-Doutorado em Cinema Latino-americano em 2009.

Mariana Villaça tem diversos trabalhos em parceria com Maria Ligia Prado e com outros autores desta coleção em estudo, além de assídua participação na

62 Maria Helena Rolim Capelato é Professora do departamento de História da Universidade de São Paulo. Presidiu a Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas-ANPHLAC (2011-2013). Membro da Comissão Gestora CAPES-UFRJ no ProfHistória (Mestrado Profissional em Ensino de História). Especialista na área de História da América e realizou pesquisas sobre os seguintes temas: Imprensa, Liberalismo, História Comparada (Varguismo e Peronismo), Cultura e Política na América Latina, História dos intelectuais da América Latina, Propaganda política nos regimes militares do Cone Sul (Brasil, Chile e Argentina). Atual Presidente da Associação Nacional dos Professores Universitários de História - ANPUH (2015-2017). Do texto informado pelo autor na Plataforma Lattes.

ANPHLAC como membro do corpo editorial da Revista eletrônica da entidade e com publicações.⁶³

Atualmente é Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Atua na área de História da América Independente, coordena o LAPHA - Laboratório de Estudos de História das Américas na UNIFESP, integra os grupos CNPq “História e Historiografia das Américas”, “História e audiovisual: circularidades e formas de comunicação” e “cinema latino-americano”.⁶⁴

Júlio Pimentel Pinto

Autor do livro 6 - Artigas - Júlio Pimentel Pinto inicia a apresentação dessa importante personagem da América do Sul explicando o contexto de sua atuação:

“José Gervásio Artigas é hoje conhecido como libertador do Uruguai. No entanto, quando lutou, não existia o país que chamamos de Uruguai e a própria ideia de ter uma nacionalidade era estranha para Artigas”. (Pimentel Pinto, p. 09, 2008).

Com o processo de independência em curso no continente, Artigas atua nas disputas em torno do Rio da Prata e na formação da Banda Oriental que se tornaria o Uruguai e essa construção na historiografia. Retirar ou melhorar, está sem coesão textual.

Na configuração de grupo que perscrutamos, o autor também teve sua formação da graduação à Livre Docência na Universidade de São Paulo, sendo aluno e orientando da Professora Maria Ligia Coelho Prado. No doutorado, com a tese - Borges, uma memória do mundo. Ficção, memória e história em Jorge Luis Borges e no mestrado com a dissertação - Participação política dos militares argentinos nos anos 70 (Identificação de propostas políticas). Pimentel Pinto continuou atuando em diversas pesquisas, artigos, publicações no campo da História da Cultura, História e ficção, História da América. Também participou como pesquisador da ANPHLAC, estando presente com Maria Ligia Prado no encontro de fundação da entidade, em Mariana, na Universidade Federal de Ouro Preto. É professor no Departamento de

63 Villaça, M. M.. O olhar francês sobre o Nuevo Cine Latinoamericano. Revista Eletrônica da ANPHLAC, v. 9, p. 7, 2010. VILLAÇA, M. M. Limites da contestação no cinema documental cubano: a trajetória de Nicolás Guillén Landrián. Revista Eletrônica da ANPHLAC, v. 6, p. 21-37, 2007.

64 Do texto informado pelo autor na Plataforma Lattes.

História da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisa e estuda as relações entre história e ficção. Atualmente coordena a pesquisa sobre Memória, História e Itinerários de leitura nos diários de Emílio Renzi, de Ricardo Piglia⁶⁵.

Trazer a trajetória de pesquisa e atuação desses autores nos confirma dois traços dessa configuração de um grupo: em primeiro lugar o fato de serem autores referenciais nos estudos sobre América Latina à partir do Brasil e terem um histórico de pesquisa similar; em segundo lugar, a intervenção que realizam no projeto editorial à partir da contextualização histórica na abordagem do gênero biográfico dessa coleção, reunindo a atenção com o aparelho crítico na composição dos textos, revelando preocupação com o público leitor, com a escola e com o ensino de história – características presentes em toda a execução do projeto editorial conduzido por Maria Ligia Prado e reforçadas pela colaboração desse grupo de autores, afinados com o compromisso de difusão da História da América Latina e que somou-se como ponto de atenção para a realização desse estudo.

65 Informações do texto do autor na plataforma Lattes.

4. A COLEÇÃO, O CURRÍCULO E O ENSINO DE HISTÓRIA

4.1 A COLEÇÃO E O CURRÍCULO DA REDE ESTADUAL: SÃO PAULO FAZ ESCOLA

A intenção de pontuar a questão curricular neste item passa por compreender mais sobre a relação entre as indicações de conteúdo, ou melhor dizendo, entender os contextos históricos em torno da seleção desses conteúdos e os impressos voltados para o ensino por via da observação da proposta curricular no estado de São Paulo e da coleção Fundadores da América Latina, ambos materiais publicados em 2008.

Partindo da discussão sobre currículo, observamos que este envolve dimensões que são de ordem teórica e atendem uma demanda política e prática no exercício cotidiano da realidade escolar. Ou seja, um currículo não pode ser avaliado fora do contexto social que envolve a sua prescrição e execução, compondo parte de uma cultura escolar. Nesse sentido, “o currículo escrito não passa de um testemunho visível, público e sujeito a mudanças, uma lógica que se escolhe para mediante sua retórica, legitimar uma escolarização” (Goodson, 2008, p. 21).

O estado de São Paulo iniciou uma reestruturação curricular em 1983. Segundo artigo de Odair Vieira de Silva⁶⁶, autor que historiciza a trajetória curricular no estado desde então e aponta que durante as décadas de 80 e 90, apesar da ampliação de vagas no ensino público com o intuito de democratizar o acesso à educação institucional, os resultados foram altos índices de evasão escolar e repetência. A proposta curricular que se desenvolvia a partir de 1985 incidia sobre um núcleo de matérias que era flexível,

“Entre as décadas de 1980 1990, a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo implementou política de produção de materiais de orientação curricular direcionadas para os professores, visando subsidiar a prática docente na implementação do projeto de reorganização da escola de 1º Grau.” (Silva, 2017, p. 05).

66 Silva, Odair Vieira de. Aspectos da História dos Currículos Oficiais do Estado de São Paulo (1980-2008), em XXIX Simpósio Nacional de História, 2017: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502838058_ARQUIVO_2017ODAIRANPUHtextocompletov3.pdf.

Essa proposta começou a ser distribuída na rede estadual entre 1986 e 1987. Ela representou um dispositivo de intervenção sobre a prática docente e uma estratégia de formação indireta de professores (Silva, 2017, p. 05) com publicações que veiculam conhecimento e valores.

Abordando as teorias sobre currículo segundo Tomaz Tadeu da Silva,

“A questão central que serve de pano de fundo para qualquer teoria do currículo é a de saber qual conhecimento deve ser ensinado. De uma forma mais sintética, a questão central é: o quê? Para responder a essa questão, as diferentes teorias podem recorrer a discussões sobre a natureza humana, sobre a natureza da aprendizagem ou sobre a natureza do conhecimento, da cultura e da sociedade.” (Silva, 2010, p. 14).

Na década de 1990, é implantado o “Programa de Reforma do Ensino no Estado de São Paulo”, programa que passa a ser aplicado à educação a partir de uma visão economicista. Tomaz Tadeu da Silva nos indica, para conhecer mais sobre a articulação do currículo com esses índices, o texto “Educação um tesouro a descobrir”, do francês Jacques Delors. Este texto discorre sobre o alinhamento político das metas da educação aos índices internacionais adequados aos princípios do Banco Mundial, o “movimento acompanhou as transformações da nova ordem mundial e as tendências das reformas educacionais nos países do hemisfério norte e América Latina” (Silva, 2017, p. 11).

Nacionalmente, o debate sobre currículo ganhava amparo legal na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB Lei nº 9.394/1996. Com esta lei são propostos conteúdos mínimos para a formação básica nacional e, no final dos anos de 1990 e início dos 2000, essas propostas são conformadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Para a área de História, encontramos o indicativo para que os alunos dimensionem as relações sociais, econômicas, políticas e culturais que vivenciam, enriquecendo seu repertório histórico com informações de outras localidades para que possam compreender que seu espaço circundante estabelece diferentes relações locais, regionais, nacionais e mundiais" (PCN, 1997, p. 63).

Em 2008, paralelamente à implantação dos PCN's, é implementado na rede de ensino estadual paulista, o Programa “São Paulo Faz Escola”. Essa proposta curricular foi organizada por áreas de conhecimentos, nas quais o componente

curricular de História integra o caderno de Ciências Humanas e novas tecnologias - Ensino Fundamental - Ciclo II e Ensino Médio⁶⁷.

Esse Programa é composto por um conjunto de documentos como Cadernos do Professor, do Aluno e do Gestor. Os documentos apresentam um breve histórico sobre o ensino de História e a definição do que seria currículo para os seus autores: “currículo é a expressão do que existe na cultura científica, artística e humanística transposto para uma situação de aprendizagem e ensino” (SEE, 2008, p. 11). Trata-se de um currículo referenciado em habilidades que são indicadas em cada conteúdo ao longo de sua distribuição nesses cadernos, assemelhando-se aí à forma organizativa dos PCN's. Com implementação desse currículo, *São Paulo faz Escola*, Thiago Figueira Boim, afirma que,

“O cenário educacional de São Paulo revela, por um lado, a transição do método de ensino na rede pública, e por outro, uma nova tendência dos materiais didáticos. A rede de ensino paulista deixa de lado um passado com experiências na autonomia do professor para constituir uma rede de ensino própria, unificada e uniforme. Essa uniformização são os *Cadernos do Professor*, cujo objetivo é garantir o mesmo ensino, com mesmo conteúdo e ao mesmo tempo para todos os cinco milhões de alunos matriculados na rede de ensino paulista. As implicações imediatas dessas mudanças no cenário paulista podem ser vistas no controle do trabalho docente.” (BOIM, 2010, p. 71-72).

Os currículos contêm indicações de conteúdos para cada área de conhecimento por ano/série, porém, segundo Thiago Figueira Boim:

“A forma como o conteúdo escolar é escrito na proposta curricular de São Paulo não favorece uma discussão mais ampla sobre as concepções teóricas e metodológicas dos autores. Os conteúdos propriamente ditos não formam o eixo principal dos *Cadernos do Professor*. O conteúdo disciplinar desenvolve-se em métodos de como ensinar, isto é, não há no texto do professor a exposição do conteúdo, o que existe são tópicos com os temas curriculares e orientações sobre como abordar o tema em sala de aula. Atribui-se ao livro didático e ao conhecimento prévio do professor a responsabilidade de conhecer, expor e organizar os conteúdos escolares.” (BOIM, 2010, p.70).

Nesse sentido, os livros didáticos e paradidáticos são importante material de apoio no processo ensino-aprendizagem na sala de aula.

67 SEE/SP. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Edição Especial da Proposta Curricular. Revista do Professor. São Paulo: IMESP. 2008.

Esses temas curriculares também são atrelados aos índices do Sistema de Avaliação e Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), o que aumenta o controle em torno dos conteúdos expressos no currículo, distribuídos por bimestre, com as indicações de competências a serem trabalhadas e os cadernos do Aluno e Professor organizados com propostas de atividades desenvolvidas nas aulas.

Em um artigo oriundo de análises e discussões do GT de Ensino de História da ANPUH⁶⁸, os autores analisam essa proposta curricular:

“Os profissionais envolvidos no processo são altamente qualificados em suas áreas de atuação. Os coordenadores das áreas possuem trajetórias intelectuais consolidadas, e a equipe de professores dos diferentes componentes curriculares apresenta formação nas melhores universidades do país, embora não se tenha verificado preocupação em selecionar profissionais que agreguem em sua formação as interfaces entre conhecimentos acadêmicos e escolares: dedicação à história das disciplinas e dos currículos escolares, ou das didáticas e das práticas e metodologias específicas de ensino-aprendizagem, por exemplo. Ademais, permanece ainda a lógica de elaboração dos currículos sem a participação efetiva dos professores do ensino fundamental e médio, a não ser como executores.⁶⁹”

No caso específico da coleção de livros *Fundadores da América Latina*, o seu uso na fórmula curricular do *São Paulo Faz Escola* é quase nula: -História da América Latina no século XIX - no bojo dos processos de Independência das Colônias Hispânicas no continente - tem presença muito passageira. Por isso, é de se estranhar os investimentos aplicados nesta coleção e por ser lançada concomitantemente ao Currículo São Paulo Faz Escola⁷⁰, publicações do mesmo ano.

A presença de conteúdos sobre América Latina, como já apontado, nesse currículo é bastante reduzida em relação aos conteúdos que tratam de Europa e Estados Unidos, por exemplo. Observando o recorte de tempo e eventos na coleção, os conteúdos estão localizados na prescrição para o 1º bimestre do 8º ano do Ensino Fundamental II, como: A colonização espanhola e a independência da América espanhola – com o indicativo de desenvolvimento da habilidade de “identificar as

68 Grupo de Trabalho em Ensino de História na sessão São Paulo da Associação Nacional de Historiadores.

69 Ciampi, Helenice. Godoy, Alexandre Pianelli. Almeida Neto, Antônio Simplício. Pires da Silva, Iliada. O Currículo bandeirante: a proposta curricular de História no estado de São Paulo, 2008. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.29, nº58, p.361 - 362 - 2009.

70 Dados em: <http://www.educacao.sp.gov.br/sao-paulo-faz-escola>.

principais formas de resistência das populações ameríndias às relações de exploração de trabalho introduzidas pelos espanhóis” (Currículo São Paulo Faz Escola, 2008).

Já para o Ensino Médio, esse conteúdo aparece no 3º bimestre do 2º ano como “Processos de independência e formação territorial na América Latina”, e é indicado o desenvolvimento da habilidade de “compreender os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais dos processos de independência e formação territorial na América Latina” (Currículo São Paulo Faz Escola, 2008).

Trata-se de uma presença muito pequena de conteúdo sobre História da América Latina no Currículo Oficial. Esta presença mínima não dá conta de gerar uma identidade regional continental pelo conhecimento histórico dos países vizinhos e contrasta sobremaneira com o projeto da Coleção. Esse contraste se acentua levando-se em conta o desconhecimento da temática no espaço escolar e a falta de divulgação dos materiais paradidáticos produzidos com o fim de ampliar a circulação dessa temática.

Essa conjuntura resultou na pouca visibilidade da Coleção no ambiente escolar e sua pouca utilização efetiva. Nesse sentido, o diálogo e a apresentação dos materiais voltados para a escola aos professores seria um passo importante para o aprofundamento das práticas de leitura e ensino no interior da escola. Porém, a própria ausência de divulgação coaduna com a tradição política de não tratar os temas que elege como não sendo interessante para o desenvolvimento de uma identidade nacional pautada em um contexto continental e no tocante ao estado de São Paulo, pela ausência de diálogos no desenvolvimento das políticas de educação, leitura e currículo, optou pelo tema América Latina como que para preencher uma lacuna, na ordem do dia, pela necessidade de implementação da língua espanhola na rede de ensino e das realizações em torno da pauta do bicentenário das independências latino-americanas.

4.2 A AMÉRICA LATINA NA COLEÇÃO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

A coleção tem seu enfoque centrado nas ex-colônias hispânicas, numa análise de conjuntura das lutas por emancipação em relação à metrópole espanhola no século XIX e as constituições dos Estados Nacionais no continente americano. Perscrutar a América Latina representada na coleção contribui para a compreensão deste

impresso por meio da análise do seu contexto de produção e das relações entre políticas públicas, editoração e escola.

Nesse sentido, devemos refletir sobre qual América Latina foi representada no processo de apropriação que se estabeleceu pela mediação editorial entre fórmula editorial cuja proposta era de apresentar ao leitor uma história mais conservadora, pautada na figura de um herói masculino, branco e oriundo das elites locais, características que se repetem em todas as lideranças representadas nesta coleção; e as perspectivas historiográficas do grupo representado pela coordenação de Maria Lígia Prado.

Quando problematizamos o princípio da fórmula editorial da coleção de livros *Fundadores da América* – o de biografar os líderes/heróis de movimentos que são também populares – nos parece controverso, no entanto, ao tratar do conteúdo propriamente dito de cada uma dos volumes de 2 a 6, percebemos que, junto a biografia do líder, cada autor traz a história de personagens populares que foram alijados do ensino de história, preteridos justamente por um discurso que enfatiza as personagens da ordem dominante. A apropriação dessa fórmula editorial, no projeto instaurado pela coordenação de Maria Lígia Prado, parece, de certo modo, subverter o princípio do líder branco da elite ser o principal protagonista dos processos históricos latino-americanos.

A fórmula editorial, ao se centrar em personagens líderes da elite ou de populares, oferece ao leitor conexões com sua própria identidade, reafirmando valores determinados que compõe a cultura da comunidade de leitores. Nessa perspectiva, podemos discutir a formação que esse tipo de coleção pode oferecer ao próprio sujeito-leitor, no diálogo com o texto de Tomaz Tadeu da Silva, cujo o cerne é desvelar as relações entre discursos veiculados por meio do currículo e a identidade por eles produzidas numa perspectiva de reconhecimento, identificação e valorização oriundas de processos históricos que configuram um povo e uma sociedade.

Ao refletir sobre a seleção de conteúdos curriculares dos processos históricos selecionados para formação os alunos, Silva conclui que as decisões políticas tendem a ser tomadas por grupos dominantes que objetivam impor uma única identidade a todos, mesmo que sejam grupos sociais diferentes.

Concomitantemente, esse autor reflete ainda como essas relações de poder resultam em seus processos de “incluir e excluir”, normalizando a questão do que se

deve ser reconhecido como ideal segundo a ideologia dominante no poder. Afirma ainda que “dividir e classificar significa, neste caso, hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos classificados” (Silva, 2010, p. 03). Esta fala reforça nossa constatação destas inclusões e exclusões no ensino, pensando os aspectos dissonantes da nossa história continental preterida.

Com todos esses desafios colocados, a editoração de um material paradidático voltado para o ensino de história numa rede de ensino pública, deveria aproximar os alunos do conhecimento de uma outra América, uma América mais nossa, com passado de opressões e lutas comuns, uma América que, unida, é mais forte e que a sua auto percepção fortaleceria a identidade continental e os laços entre a cultura popular, a escola e o ensino de história, escapando às narrativas que têm sido impostas pela ideologia dominante com a qual queremos romper a cada dia.

E a América Latina presente nesta coleção tem a tônica da própria trajetória de seus autores, que integram parte deste estudo pela intervenção que praticam na coleção, impactando no projeto editorial, que por decisão da Secretaria de Educação de SP, fazem uma história centrada em lideranças, porém, problematizando-as nas construções historiográficas posteriores e discutindo o período de suas atuações junto a outros grupos e as apropriações em torno. A coleção, portanto, carrega a contradição entre a identidade dos líderes que biografam com o modo peculiar com que o faz, apresentando a ação popular que os acompanhou, deste modo, proporcionando ao leitor uma dissonância entre a própria fórmula.

Como preservamos nossa memória? Quando falamos em história da América, de qual América estamos falando? Como esta América é reconhecida e ensinada nas salas de aulas das escolas brasileiras? Nesse sentido, uma coleção de livros como esta que analisamos, ideologicamente trata de fundadores continentais na perspectiva do herói que tanto lutamos por desconstruir, controversamente são lideranças que foram alijadas do projeto de ensino identitário por trazerem grandes exemplos de mobilização popular, que não interessa ao projeto dominante das elites no poder.

Explicar o passado no presente significa lidar com percepções, valores que se movimentam, mas também com acontecimentos ocorridos após a época examinada (Lowenthal, 1998, p. 115), refletindo o papel do professor de história, o ofício cotidiano

de ensinar história é pensar historicamente: “a percepção tardia do passado assim como anacronismo dão forma as interpretações históricas.”(Lowenthal, 1998, p. 116),

“Conhecer o futuro do passado força o historiador a moldar a sua narrativa de modo a fazê-la entrar em acordo com o ocorrido. O ritmo, as contrações e a duração de sua narrativa refletem seu conhecimento retrospectivo.”
(Lowenthal, 1998, p.116).

Assim, sabemos do que se trata quando não se trata de América Latina no ensino de história escolar: a constatação de um passado que não interessa a determinados grupos sociais que inferem um processo de dominação constante a que estamos submetidos.

No momento atual, no Brasil, em que passamos arbitrariamente por uma reforma do ensino médio que ameaça diretamente o ensino de história, além do contexto nacional de golpe político e alijamento das instituições democráticas, seguido de uma eleição que teve a campanha pautada em mentiras e ameaças aos direitos trabalhistas e à educação, a disputa de narrativa histórica para nós professores pesquisadores, de ensino de história, se faz uma verdadeira trincheira em que precisamos manter toda atenção para não retroceder onde tanto necessitamos avançar.

A representação de uma América Latina resistente, combativa e unida em torno do ideal de Bolívar da Grande Pátria parece ser fundamental para os nossos dias:

O projeto bolivariano fundava-se sobre o princípio da igualdade entre os cidadãos, independentemente da cor de sua pele. A incorporação de índios, pardos e negros ao exército, paralelamente às motivações práticas expostas acima, expressava uma concepção de sociedade a ser fundada, em que se suspenderiam, no seio da nação, as divisões entre corpos sociais juridicamente desiguais (Soares, p.28, 2008 - livro 2 da coleção).

Refletir e debater a respeito de um passado comum em relação à América Latina nos incita a entender como, apesar de tantas semelhanças e aproximações históricas e culturais, ainda nos colocamos à distância deste contexto em relação ao ensino de história. Observamos que a conjuntura estabelecida em um projeto identitário de nação ainda não foi revista na direção da identidade latino-americana. Através da educação, os projetos de abordagem e sistematização das estruturas nossas, deveriam partir do conhecimento de nossa história, do passado e da memória, utilizando de todos os instrumentos de ensino e aprendizagem, valorizando a leitura e

os materiais acessíveis para ampliação desse conhecimento recíproco que tanto ansiamos acerca da América Latina: A maior integração da América Latina tem que partir do conhecimento recíproco. Esta coleção representa mais um valioso passo para que se alcance tal objetivo. (Prado, 2008, p.6).

Embora tenhamos, ao primeiro contato, uma representação biográfica centrada na figura do fundador, por outro lado, no resultado das mediações editoriais na produção dessa coleção, temos uma representação problematizada dessas personagens no contexto em que atuaram e nas representações posteriores. No entanto, o uso desses textos fica limitado às condições conjunturais do tempo escolar e do currículo prescrito. Observamos nesse processo, como consequência mais evidente, o preconceito e a discriminação com os povos imigrantes de países vizinhos na cidade de São Paulo, realidade recorrente, vivida no interior das escolas, como se ao nos referirmos aos povos latino-americanos estivéssemos tratando do outro e não de nós mesmos, povo brasileiro, parcela presente nas escolas paulistas da rede estadual.

Ademais, o conhecimento e a divulgação da história do continente podem estreitar os laços com os povos vizinhos, ampliando as trocas culturais e gerando identidades e mais conhecimento sobre a história da América Latina e sobre o modo como esse conhecimento é impresso para os leitores na escola. Através destas medidas, poderemos pensar apropriações e construções coletivas de saberes históricos que têm, no livro, importante veículo de difusão.

A historicização do ensino de História da América Latina, empreendido por Circe Bittencourt, contribui para a reflexão desse material na relação com as propostas curriculares e aspectos da identidade latino-americana e dialogam com a proposta de leitura desta coleção, por seu conteúdo crítico e seu amplo espectro de utilização, colocando-a como ferramenta interessante para se conhecer o processo histórico de formação dos Estados Nacionais no continente, especialmente na América do Sul.

Segundo textos de Circe Bittencourt sobre o ensino de História da América, nos deparamos com a ausência sobre a América Latina, em íntima relação com as questões políticas e identitárias que reincidem no histórico do sistema de educação brasileiro por uma disputa hegemônica pela ideologia dominante que se pautou pela América estadunidense. Ainda que incluísse conteúdos sobre América no ensino de história, tem sido uma perspectiva voltada para a formação de uma identidade branca

e cristã, desde a própria identidade nacional nos manuais prescritivos de ensino: “o nacional era entendido não como o lugar em que viviam os negros, índios e mestiços, mas o branco civilizado, carregado das tradições dos antigos, resultado da evolução histórica ocidental” (Bittencourt, p. 62, 1990).

Já no final dos anos 90, podemos notar, através de um conjunto de modificações no ensino de história da América e a ampliação do debate sobre diversidade étnica e identidades, que “condições que ampliam os estudos sobre a América Latina favorecem a produção e circulação de obras didática e obras paradidáticas” (Bittencourt, p 14, 2005). Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que também contaram com contribuições de Bittencourt, encontramos orientações nesse sentido, porém, esse desdobramento não está contemplado no currículo da rede estadual paulista. Interessa, então, problematizar essas relações para compreender a publicação e refletir sobre a presença dos países vizinhos nas questões curriculares partindo deste material impresso.

Tomando como objeto para discutir a questão do ensino de História por via desse impresso, a coleção Fundadores da América Latina propõe um currículo alternativo junto ao público destinatário - no empreendimento das prescrições, intentos, diálogos, linguagem – mas, esse currículo está na contramão da proposta oficial, contando apenas com a iniciativa da coordenação e autores que tiveram a preocupação em apresentar uma América Latina contextualizada de maneira sintética, porém, abrangente em seus variados aspectos históricos e políticos por via de uma trajetória didática na disposição dos textos. Como já indicado, essa proposição alternativa não contou com qualquer iniciativa de sua articulação com o projeto da escola por parte das políticas públicas que a produziram.

É uma coleção de livros elaborada por historiadores que são referência no campo de pesquisa de História da América Latina e demonstram, em suas trajetórias, uma preocupação com a História escolar, pela forma didática como se apresenta, sendo sucinta, mas, ao mesmo tempo, extensiva na reunião de acontecimentos em torno dos processos que resultaram nas independências.

Esta contextualização permite que o leitor, em contato com a História da América Latina através desta coleção, possa compor um panorama das lutas e participações populares nesses processos e refletir sobre o que é América Latina, por que América Latina, suas conexões, especificidades históricas e culturais. Abrindo,

pois bem, uma porta para o conhecimento e possíveis construções e visões identitárias.

Como a coleção em estudo é uma publicação bilíngue que emprega, entre seus objetivos, a aproximação do conhecimento histórico dos países vizinhos através da língua, pode tornar-se uma ferramenta de leitura interdisciplinar, ampliando suas possibilidades de trabalho para além do ensino de história.

Olhando a coleção na perspectiva de um impresso produzido para a uma rede de ensino na intenção de divulgar a História da América Latina, temos uma abordagem que vai ao encontro dos estudos históricos críticos, já que a preocupação de seus autores também é a de apresentar as personagens que integram a coleção em suas construções historiografia posteriores e problematizadoras.

Como proposta didática para o ensino de história, a coleção com seis livros traça um panorama sobre a História da América Latina que se complementa, possibilitando diversas metodologias de trabalho. Seu rico conteúdo permite variadas formas de leituras e utilizações na sala de aula.

4.3 UMA PROPOSIÇÃO DIDÁTICA COM A COLEÇÃO

Durante o percurso do mestrado, compartilhando a rotina de estudos com os colegas nas escolas e apresentando-lhes estudos parciais em fóruns acadêmicos sobre Ensino de História, tive oportunidade de ouvir alguns relatos de professores que leram a coleção ou trabalharam com ela em sala de aula. Nesses relatos, a atividade que se repete como metodologia de trabalho com a coleção é o seminário, em geral, organizado da seguinte maneira: - Proposta de atividade com a coleção de livros Fundadores da América Latina - Seminário sobre as lutas de independência no continente latino-americano no século XIX. Cada sala tem uma média de 35 alunos, tornando possível a divisão em 6 grupos, cada grupo fica com um livro para fazer leitura, interpretação e apresentação do conteúdo pelos alunos.

Essa metodologia, apresenta variadas abordagens, a interpretação envolve aspectos que são subjetivos e acabam por abarcar uma esfera que corresponde ao acervo de conhecimento reunidos por aquele grupo de alunos, permitindo variadas problematizações acerca das lideranças e dos grupos que atuaram nos contextos do processo de emancipação política no continente americano.

Além dessa abordagem metodológica, a coleção é um material que possibilita ao professor o recorte de textos específicos tratando de várias regiões e situações que envolveram os acontecimentos no século XIX. Os livros pautam a participação dessas lideranças sempre trazendo os grupos que eram representados ou faziam oposição a essas figuras e de que forma foram apropriadas em diferentes momentos históricos na historiografia produzida posteriormente às atuações dessas figuras abordadas nos textos da coleção.

Os livros trazem, ainda, informações adicionais com imagens, mapas, glossários e referências bibliográficas, possibilitando diferentes recortes de trabalho e sendo ao mesmo tempo uma fonte de pesquisa para elaboração de aulas sobre a História da América Latina.

A coleção de livros *Fundadores da América Latina* em si é um produto, um impresso presente em grande parte das escolas da rede estadual paulista e o principal desafio para sua utilização pelos professores é saberem que esse material existe e está disponível nas escolas. Nesse sentido, a divulgação da coleção junto ao público destinatário, estudantes e professores é a principal demanda para que a coleção tenha uso efetivo e uma reimpressão também seria interessante, aumentando o número de livros disponíveis na escola.

Desse modo, o trabalho com a coleção, diretamente na sala de aula, pelo conjunto de situações relatadas por colegas professores, é realizado com maior frequência, na forma de seminários. O seminário se mostrou no trabalho com a coleção, a metodologia mais abrangente no estreitamento da relação entre estudantes e livros, oportunizando práticas e interpretações de leitura específicas de cada grupo de alunos.

Plano de aula:

Conteúdo: Independência da América Espanhola.

Objetivo: Promover o contato dos estudantes com os acontecimentos históricos que fizeram nascer as nações latino-americanas no século XIX⁷¹ e suas lutas pela independência.

71 Maria Lígia Prado no segundo parágrafo da apresentação da coleção em estudo.

Metodologia: Leitura e Seminário. A sala será dividida em 6 grupos de 5 ou 6 alunos e um livro da coleção Fundadores da América Latina para cada grupo. Os integrantes de cada grupo farão a leitura, estudo, pesquisa e preparação para a apresentação de seminário para os colegas na sala de aula. Debate e abertura para perguntas, comentários e intervenções.

Nº de aulas previsto para a aplicação de todo o plano: 8 aulas (de 50 minutos)

Recurso didático: os livros da coleção Fundadores da América Latina

Outras possibilidades com a coleção

A coleção também constitui um material de apoio para os professores utilizarem como recurso didático e fonte na preparação de aulas. Além de reunir um conjunto de textos com linguagem didática e rigor acadêmico, possibilita a utilização de excertos e recortes para fomentar representações e estudos em torno do século XIX e da história do continente latino-americano.

Uma reedição dessa coleção seria muito apropriada para a ampliação do conhecimento sobre História da América Latina na rede de ensino estadual de São Paulo e poderia vir acompanhada de alguns suportes, como: a ampliação do recorte, incluindo México e Haiti⁷², por exemplo, que têm significativa relevância no contexto das independências na história continental. Além da ampliação na tiragem para utilização mais efetiva no desenvolvimento de práticas de leitura e avanço do conhecimento escolar sobre América Latina. E um material de divulgação da coleção para os professores, com atividades de lançamento dos livros nas escolas ou mesmo oficinas de apresentação da coleção nas diretorias de ensino.

72 Sobre História do Haiti, o livro chegou a ser escrito por Daniel Helene biografando a liderança de Toussaint l'Ouverture durante a luta pela independência do país, primeira República negra proclamada no mundo, em 1804 e de significativa importância no contexto das independências do continente americano que teve como principal regime de trabalho imposto pelas metrópoles europeias, a escravidão, de povos de origem africana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a trajetória nesses estudos sobre a História do Livro, de toda o aprendizado sobre a materialidade do impresso na em estreito diálogo com a educação, algumas considerações se fazem necessárias, ainda que se repita o que já foi dito de alguma maneira no texto. Nesse sentido, a investigação me permitiu verificar a necessidade de um olhar mais cuidadoso para os estudos sobre essa materialidade, sobre a documentação que permite sua reconstituição: o arquivamento dos projetos editoriais e documentos que envolve as decisões editoriais, principalmente quando se trata de impressos produzidos com recursos públicos e com destinações voltadas aos processos educativos na escola.

Realizar um estudo como este, em que se reconstitui as condições de produção de um impresso, sem o arquivamento desses documentos, torna o trabalho mais difícil, necessitando o levantamento de hipóteses dos contextos políticos do período e o contato através de relatos que também apresentam limites e obstáculos, uma vez que as equipes mudam e as pessoas não guardam consigo tais documentos, que acabam se perdendo.

Ao longo do percurso do mestrado, tentei contatos com as entidades envolvidas na publicação estudada e aguardei conseguir alguma cópia ou acesso a documentos que firmam as colaborações entre as entidades parceiras na publicação da coleção Fundadores da América Latina ou das próprias decisões editoriais, o termo firmado entre as partes, assinado em novembro de 2006, que obtive informação a respeito, através da Fundação Memorial. O documento, porém, não foi encontrado arquivado. Solicitei cópias ou acesso a qualquer documentação referente ao projeto, à Secretaria de Educação, mas, também sem resposta. Em outro momento, fui direcionada para o Instituto Mario Covas, porém, tudo que foi encontrado lá foram exemplares dos próprios livros, nada além disso.

Durante a tentativa de localizar os documentos referentes ao projeto e as decisões políticas sobre a coleção, preocupada com o desprezo dado ao arquivamento de registros do processo de produção, importante para os estudos no campo da materialidade do impresso, tivemos o trágico evento do incêndio no Museu Nacional no Rio de Janeiro, por negligência política e falta de investimento para garantia da preservação de um acervo irreparável como esse que foi perdido. É

urgente uma política de Estado que se comprometa com a preservação do patrimônio cultural do país.

Sobre a coleção, concluo que foi uma iniciativa importante a sua publicação, divulgar a História da América Latina entre os estudantes e professores da rede estadual de ensino público. De fato, nós professores da rede, dispomos de pouco material sobre esse tema. Mas duas questões são pontuais aqui: em primeiro lugar, a questão da divulgação, que já foi falada, mas quero reforçar: eu mesma, como professora da rede, só tomei contato com o material no Memorial da América Latina e não na escola, como deveria ser, onde jamais ouvi falar da existência desse material. Em segundo, o número de livros em cada escola, que é baixo, uma ou duas coleções nas que receberam, dificulta o trabalho com os livros, que abordam questões importantes e pertinentes para compreender o século XIX em seu contexto geral e principalmente no tocante aos processos desenvolvidos no continente americano, porém, a proporção entre o número de alunos na escola e a quantidade de livros recebidos na escola é uma conta difícil de fechar.

Sobre o projeto editorial, a pressa do governo com a encomenda dos textos, num período curto de tempo entre a decisão política de editar uma coleção nessa temática, ou seja, um curto ritmo de produção, além de falta de clareza nas decisões, dificulta o diálogo entre os objetivos da publicação, a indicação do material junto a outra equipe que, à mesma época, elaborava o currículo que seria implementado na rede e até a elaboração de um projeto de divulgação na distribuição do material. Essas circunstâncias conhecidas durante a investigação para realização deste trabalho, apresentam, em parte, alguns dos motivos que tornam o aproveitamento do livro na escola ineficaz para o desenvolvimento de uma cultura mais leitora por parte dos estudantes nas escolas públicas da rede estadual. A produção de livros é desconectada da realidade de toda a engrenagem envolvida nos processos de escolarização e leitura, não há um cuidado com a apresentação dos livros na escola, que são produzidos por parte do governo do estado, nos dando indícios de que esse setor merece especial atenção, além do desenvolvimento de mais estudos e arquivamentos dos registros sobre a produção de livros feitos a partir de iniciativa pública.

Desse estudo específico registro o elogio ao projeto editorial que teve como marca as perspectivas historiográficas de sua coordenadora e de seus autores que

imprimiram suas próprias trajetórias de estudos na construção de biografias contextualizadas sobre um importante período da história, de luta por independência no continente americano, além do compromisso com a produção de uma fonte de pesquisa de ponta voltada para a escola. Por outro lado, registro também a crítica ao governo do estado de São Paulo pelo tratamento dado às condições de produção dos livros. Falta integração, atenção, cuidado, registro, arquivamento, comprometimento, e conhecimento sobre a realidade escolar. Falta cuidado com os livros e sua apresentação ao seu público leitor.

Essa coleção de livros estudada aqui, teve seu termo de parceria firmado ao final de 2006, encomendada aos autores em 2007, publicada em 2008 e distribuída em 2009, carrega em sua cadeia de decisões, do financiamento à distribuição, um contexto pautado pelo fortalecimento das políticas de integração continental, desdobrado através de uma série de iniciativas no bojo do estreitamento dos laços comerciais e culturais com os países vizinhos por meio do MERCOSUL. O espanhol estava, paulatinamente, sendo implementado em todo o território nacional.

Existem críticas ao processo de produção da coleção que poderia ser mais entrosado e atencioso, por parte do governo de São Paulo, porém, é inconteste o reconhecimento sobre a importância dessa publicação na sinalização de um momento político de avanço do diálogo e fortalecimento dos laços com países latino-americanos. Esse avanço, em consonância com a própria Constituição Federal, que expressa em seu artigo 4º sobre relações internacionais⁷³, princípios de integração regional latino-americana com soberania nacional. O MERCOSUL, nascido desses princípios no início dos anos 90, é retomado com maior atenção durante o Governo Lula. Esse era o contexto político nacional no tocante à integração regional quando a coleção foi produzida.

Atualmente, dez anos após a distribuição da coleção às escolas, a situação política em relação ao contexto de aproximação com países da América Latina é outra. O ideal nacional de integração regional e estreitamento dos laços com países vizinhos está cada dia mais distante. Nessa direção, esse atual governo cometeu a gravidade de retirar da grade de estudos para diplomatas as disciplinas sobre História da

73 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm

América Latina. A ANPHLAC publicou em sua página uma nota⁷⁴ repudiando a exclusão dos estudos sobre América Latina no Instituto Rio Branco. Pela relevância política dessa nota que reflete muito apropriadamente a importância dos estudos e do ensino sobre América Latina a partir do Brasil, quero trazer seu conteúdo como parte integrante de minhas considerações finais. Os tempos são difíceis, mas nós continuaremos existindo e resistindo: professores, historiadores, educadores, pesquisadores, estudiosos e latino-americanos.

Nota da ANPHLAC sobre a exclusão do curso sobre América Latina de formação de diplomatas

25 de janeiro de 2019.

A Associação Nacional dos Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC) vem a público manifestar seu repúdio à decisão do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, de extinguir a disciplina de História dos Países da América Latina do currículo do Curso de Formação do Instituto Rio Branco. Esta decisão sinaliza uma menor ênfase a temas da região e está em consonância com mudanças implementadas pelo ministro na própria estrutura do ministério, como a extinção da Subsecretaria-geral de América Latina e do Caribe que passou suas atribuições para a recém-criada secretaria de Américas. A reformulação envolve ainda outras medidas como a redução da carga horária de disciplinas como economia, linguagem diplomática e história da política externa brasileira.

Sabemos que as Relações Internacionais do Brasil se deram, tradicionalmente e em grande medida, com os países latino-americanos, em particular com os da América do Sul, região do globo na qual o Brasil se insere e onde representa aproximadamente metade do território e população. Conhecer as especificidades dos vizinhos com profundidade é essencial para o exercício da diplomacia continental, seja em uma disciplina específica sobre a América do Sul, como foi no passado, seja em uma ampliada para a América Latina e o Caribe.

Os estudos latino-americanos, caribenhos e americanistas, num sentido continental, são condição indispensável para abrir caminho a um intercâmbio acadêmico e intelectual mais efetivo, do qual o Brasil só poderá se beneficiar. Para a consolidação desse intercâmbio, é fundamental identificar as conexões do nosso processo histórico com o dos outros países do continente. Acreditamos que, só a partir de iniciativas institucionais mais abrangentes, poderá ser alterado o nível de conhecimento existente no Brasil sobre a região.

Ressaltamos que a ANPHLAC, conforme seu Estatuto, tem, entre seus objetivos, “estimular o estudo, a pesquisa e a divulgação de assuntos referentes à História das

74 http://anphlac.fflch.usp.br/noticia_110

Américas; defender a conservação das fontes e manifestações culturais de interesse dos estudos históricos americanos; defender o livre exercício das atividades dos profissionais de História das Américas; e representar a comunidade dos profissionais de História das Américas perante instâncias administrativas, legislativas, órgãos financiadores e planejadores, entidades científicas ou acadêmicas”.

Pelo exposto, a Associação Nacional dos Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC) se posiciona contra qualquer medida que minimize a importância das relações do Brasil com os países vizinhos do continente americano e dos estudos acadêmicos relacionados e reitera sua posição de repúdio à proposta.

Diretoria da ANPHLAC (Biênio 2018-2020)⁷⁵

75 http://anphlac.fflch.usp.br/noticia_110

FONTES

CHIRICO, Selva López. América Latina na hora da independência. São Paulo; Secretaria de Estado da Educação, Fundação Memorial da América Latina, 2008; v.1. Coleção Fundadores da América Latina. Coordenação Maria Ligia Coelho Prado.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Simón Bolívar. São Paulo; Secretaria de Estado da Educação, Fundação Memorial da América Latina, 2008; v.2. Coleção Fundadores da América Latina. Coordenação Maria Ligia Coelho Prado.

SCATENA, Stella Maris. San Martín. São Paulo; Secretaria de Estado da Educação, Fundação Memorial da América Latina, 2008; v.3. Coleção Fundadores da América Latina. Coordenação Maria Ligia Coelho Prado.

PASSETTI, Gabriel. Bernador O'Higgins. São Paulo; Secretaria de Estado da Educação, Fundação Memorial da América Latina, 2008; v.4. Coleção Fundadores da América Latina. Coordenação Maria Ligia Coelho Prado.

VILLAÇA, Mariana Martins. José Martí. São Paulo; Secretaria de Estado da Educação, Fundação Memorial da América Latina, 2008; v.5. Coleção Fundadores da América Latina. Coordenação Maria Ligia Coelho Prado.

PINTO, Júlio Pimentel. Artigas. São Paulo; Secretaria de Estado da Educação, Fundação Memorial da América Latina, 2008; v.6. Coleção Fundadores da América Latina. Coordenação Maria Ligia Coelho Prado.

REFERÊNCIAS

Abreu, Márcia (org.). Leitura, história e história da leitura. Batista, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. (p.529-575). Livro didático: produção e leituras. Munakata, Kazumi (p. 577 - 610). Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leituras do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999 - Coleção História da Leitura.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Pátria, Civilização e Trabalho. O Ensino de História nas Escolas Paulistas (1917-1939). São Paulo: Edições Loyola, 1990 (capítulo 1. A história nos ginásios: civilização e progresso).

BITTENCOURT Circe Maria Fernandes. Ensino de história da América: reflexões sobre problemas de identidades. Revistas eletrônicas FFLCH-USP – 2005. <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/viewFile/1358/1229>.

BOIM, Thiago Figueira. O que e como ensinar: Proposta Curricular, Materiais Didáticos e Prática de Ensino nas Escolas Públicas Estaduais em São Paulo (2008-2009). Dissertação de Mestrado - PUC/São Paulo, 2010.

BRAGANÇA, Aníbal; Abreu, Márcia [orgs.]. Impresso no Brasil – Dois Séculos de Livros Brasileiros. In: Toledo, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros (p.139-156). São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CARVALHO, M.M.C., TOLEDO, M.R.A. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Cinco estudos em História e Historiografia da Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CARVALHO, M.M.C.; TOLEDO, M.R.A. Biblioteca para professores e modelização das práticas de leitura: análise material das coleções Atualidades Pedagógicas e Biblioteca de Educação. In: Associação Nacional de História- ANPU - H. XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007

CARVALHO, Marta M C de. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: HILSDOF, MLS; VIDAL D.G. Tópicos e História da educação. São Paulo: Edusp, 2001.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de Carvalho. TOLEDO, Maria Rita de Almeida; Gatti Júnior, Décio (Org.). O ensino de história da educação. Vitória: ESEditora, EDUFES, 2011. Capítulo: Internacionalização de Cânones de Leitura: as atualidades pedagógicas na BIBLIOTECA MUSEU DO ENSINO PRIMÁRIO e o Ensino de História da Educação

CERTEAU, Michael de. A invenção do cotidiano. Petrópolis, Vozes, 1994.

CIAMPI, Helenice. Godoy, Alexandre Pianelli. Almeida Neto, Antônio Simplício. Pires da Silva, Ilíada. O Currículo bandeirante: a proposta curricular de História no estado

de São Paulo, 2008. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.29, nº58, p.361 - 362 - 2009.

CHARTIER, R. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary Del Priore. Brasília: Editora da UnB, 1994.

CHARTIER, R. A aventura do livro: do leitor ao navegador/Roger Chartier; tradução Reginaldo de Moraes. – São Paulo: Editora UNESP; 1999.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1995.

CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO: Ciências Humanas e suas tecnologias/Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini, coordenação de área, Paulo Miceli. – São Paulo: SEE, 2008. SÃO Paulo Faz Escola. In: <http://www.educacao.sp.gov.br/sao-paulo-faz-escola>.

DARNTON, R. O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Dosse, François. O Desafio Biográfico: escrever uma vida. Trad. Gilson de Sousa. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FEBVRE, Lucien, 1878-1956/O aparecimento do Livro/ LucienFebvre&Henry-Jean Martin e colaboradores; tradução de Fulvia M. L. Moretto &Guacira Marcondes Machado; prefácio à edição brasileira de Marisa MidoriDeaecto; posfácio de Frédéric Barbier. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

FERREIRA, J. P.; GUIBBOURG, J.; BOCCHINI, M. Otilia& MARTINS FILHO. Plínio. Livros, Editoras e Projetos. São Paulo, Com Arte/Atêlie. Editorial/Bartira Editora, 1997.

FRANZINI, Fábio. À Sombra das Palmeiras – A Coleção Documentos Brasileiros e as Transformações da Historiografia Nacional (1936-1959). Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo – 2006.

FRANZINI, Fábio. Escrever textos, editar livros, fazer história: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1960). Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 5, n. 9, jan./jun. 2013, p. 24-45.

GENETTE, Gérard. Umbrales. Lingüística y Teoría Literaria. Traducción de Susana Lage. SigloVeintiuno Editores. México: 2001 (primeraediciónen francês, 1987, París, título original: seuils).

GOODSON, I. F. Currículo: Teoria e História. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil: Sua História/ Laurence Hallewell; [trad. de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza] – 3.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

LANG, Cintia da Silva. De moças (1926-1960) a Ex-moças (1983-1987) - Representações e práticas de leitura instituídas na Coleção Biblioteca das Moças. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2008.

LOWENTAL, David. Como conhecemos o passado. Projeto História, São Paulo, v. 17, p. 63-201, 1998.

MARTINS Filho, Plínio. Manual de Editoração e Estilo – Campinas: Editora DA Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

MÁSCULO, José Cássio. A Coleção Sérgio Buarque de Holanda: livros didáticos e ensino de história. Tese de doutorado. São Paulo: EHPS/PUC-SP, 2008.

MESQUITA, Ana Carolina. Prato feito – as políticas do governo e a literatura infantil brasileira. São Paulo, Com Arte, 2010.

MUNAKATA, Kazumi. Produzindo livros didáticos e paradidáticos. Tese de doutorado em História e Filosofia da educação. PUC. São Paulo, 1997.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista projeto História. São Paulo, v. 10, 1993, p. 7-28.

OLIVERO, Isabelle. L'Invention de la Collection – De la diffusion de la littérature et des savoirs à la formation d'un citoyen au XIX siècle. Editions de L'imec. Editions de la Maison des Sciences de L'homme. Collection in octavo. Paris: 1999.

PARÂMETRO CURRICULARES NACIONAIS para área de Ciências Humanas, 1996. Parecer nº15, Resolução 3/98 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de educação em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>

PRADO, Maria Ligia. Repensando a História Comparada da América Latina. Revista de História, 2005, p. 11-33.

PRADO, Maria Ligia Coelho. América Latina no Século XX: Tramas, Telas e Textos. 2ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. (Ensaio Latino-americanos, 4)

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3ª edição. Autêntica Editora. Belo Horizonte: 2017.

TOLEDO, Maria Rita de A. Carvalho. Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981). Tese de doutorado, PUC, 2001.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Coleções Autorais, traduções e circulação: ensaios sobre a geografia cultural da edição. Tese Livre Docência- Universidade Federal de São Paulo. 2013

Toledo, Maria Rita de Almeida. Atualidades pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981). Tese de doutorado, PUC - São Paulo, 2001.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Mediação Editorial de Intervenção no Campo Pedagógico: o Caso da Atualidades Pedagógicas, sob Direção de JB Damasco Penna. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (p.129-139) em: www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/12MariaToledo.pdf

VIÑAO FRAGO, Antonio. Sistemas educativos, culturas escolares e reformas. Portugal, Mangualde: Editora Pedago, 2007.